

Arceloni Neusa Volpato
Inês Staub Araldi
Simone Regina Dias
Organizadoras



EDUCAÇÃO LÍQUIDA PARA UM MUNDO FLUIDO
Algumas Reflexões

PROJETO COCCINELLE - VOLUME 2

Editora
Contexto
Digital

EDUCAÇÃO LÍQUIDA PARA UM
MUNDO FLUIDO:
ALGUMAS REFLEXÕES



Organizadoras

Arceloni Neusa Volpato

Inês Staub Araldi

Simone Regina Dias

EDUCAÇÃO LÍQUIDA PARA UM
MUNDO FLUIDO:
ALGUMAS REFLEXÕES



Editora

Contexto Digital

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Rosiane Maria – CRB 14/1588

E21 Educação líquida para um mundo fluido: algumas reflexões (Recurso eletrônico) / Arceloni Neusa Volpato, Inês Staub Araldi, Simone Regina Dias (Organizadoras). -- 1. ed. – Florianópolis: Contexto Digital Tecnologia Educacional, 2019.

122 p.: il.; color.

ISBN: 978-85-93437-06-9

1. Educação a distância. 2. Educação contemporânea. 3. Educação líquida. I. Contexto Digital. II. Volpato, Arceloni Neusa. III. Araldi, Inês Staub. IV. Dias, Simone Regina. V. Título.

CDD: 371.3078

EQUIPE TÉCNICA



ORGANIZADORAS:

Arceloni Neusa Volpato

Inês Staub Araldi

Simone Regina Dias

COMISSÃO EDITORIAL

Guilherme Bizarro Salve, IFTO

Marco Antônio Maschio Chaga, Unifacvest

Ormezinda Maria Ribeiro (Aya), UNB

Rita de Cássia B. de Magalhães Amaral, Fac. São José e FGV

Tarcimaria Gomes, IFRGN

AUTORES:

Alexandra Valone

Andreia de Bem Machado

Arceloni Neusa Volpato

Denise Maria Bezerra

Denise Simões Dupont Bernini

Edegilson de Souza

Francisco Antonio Pereira Fialho

Inês Staub Araldi

Joubert Silveira Ribeiro

Laysa Zampiroli Liduino

Letícia T. Izeppa Bisconsim

Rosângela Martins Carrara

Simone Regina Dias

Welington Junior Jorge

CRIAÇÃO E DESIGN DE CAPA

Ketherin Laris de Freitas

REVISÃO LINGUÍSTICA E METODOLÓGICA

Os textos são de responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO



AS TEORIAS DE BAUMAN: FLUIDEZ NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA Rosângela Martins Carrara	11
AUTODIDAXIA E SISTEMA EDUCACIONAL: UM DIÁLOGO MAIS QUE NECESSÁRIO Inês Staub Araldi.....	22
MULTICULTURALISMO: DIÁLOGOS SOBRE UMA EDUCAÇÃO LÍQUIDA NO SÉCULO XXI Arceloni Neusa Volpato, Letícia Toniete Izepe Biscomsin, Simone Regina Dias e Wellington Júnior Jorge.....	47
IMPACTO DAS REDES SOCIAIS ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR Alexandra Valone, Denise Simões Dupont Bernini, Joubert Silveira Ribeiro e Laysa Zampiroli Liduino.....	62
PEDAGOGIA LÍQUIDA: EM BUSCA DO AMANHÃ Francisco Antônio Pereira Fialho, Denise Maria Bezerra, Edegilson de Souza e Andreia de Bem Machado.....	88
CONHEÇA OS AUTORES.....	112

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO



Quando se patina sobre o gelo fino, a segurança está na velocidade.

Emerson, Sobre a prudência.

A joaninha do Projeto Coccinelle mais uma vez levanta voo da ilha da magia para disseminar reflexões técnico-científicas sobre o ser humano e o planeta água. No seu segundo volume, o tema para estas reflexões foram as ideias de Zygmunt Bauman: a vida líquida, a modernidade líquida.

Estamos continuamente vivendo em areia movediça. As tecnologias ditas novas, mas muitas delas já obsoletas, permitiram uma conversa global. O conhecimento, antes privilégio de poucos com acesso a acervos particulares, hoje está disponível em rede mundial. E o aprendizado evidenciou que as mudanças são constantes e contínuas.

O planeta e seus habitantes sempre estiveram em transformação. Algumas destas transformações se deram diretamente no ciclo de vida de um ser humano, tornando-a mais captável. Outras aconteceram ao longo de períodos seculares, ou até mesmo milenares. Parte da fauna que habitou este planeta foi extinta. Teorias foram substituídas, tecnologias criadas, verdades desmentidas. Então, a mudança é um fato.

À medida que o conhecimento avança, vamos aprimorando as nossas teorias de aprendizagem e as tornamos mais esclarecedoras do que acontece no processo do aprender.

E se o mundo se transforma, o nosso olhar sobre o conhecimento e o seu significado na sociedade contemporânea também se alterna. Ora nos sentimos saudosos de um ensino enciclopédico, normativo e institucionalizado, que nos garantia segurança e concretude. Ora nos inquietamos com as novas teorias e tendências da educação e da comunicação. Este conhecimento e estas inquietações nos movem, nos impulsionam a ir em busca de saber mais e compartilhar estes achados. E a magia se faz!

Arceloni, Inês e Simone

Projeto Coccinelle



PREFÁCIO



Este livro traz à tona alguns pontos de vista sobre a educação em tempos líquidos, pensando nas novas demandas contemporâneas e possíveis estratégias para a escola neste cenário.

O século 21 nasce sob o signo da velocidade, da mudança e da inovação. Estamos diante de variáveis tecnológicas e informacionais que mudaram radicalmente a forma como praticamos a comunicação pessoal, organizacional e coletiva, e tais processos serviram para potencializar todos os tipos de relações, recriando formas de transmissão e de compartilhamento de todo tipo de conteúdo.

Evidentemente, os impactos desses processos sobre a educação foram abrangentes e as formas de ensinar se transformaram em um simulacro, que pode aqui ser traduzido como uma repetição esvaziada de sentido. O ensino ficou velho e deslocado, enquanto se multiplicam as formas de aprender. As pessoas aprendem de maneiras variadas e isso independe se estão ou não envolvidas em um processo formal de educação.

Ao refletirmos sobre o surgimento da Escola, podemos afirmar que ela é instituída sob o signo da modernidade sólida, espaço da ordem, e nos tempos modernos, a educação se torna pública, leiga e obrigatória. Ainda que a Escola tivesse função distinta, por sua organização e estrutura, se aproxima de outras instituições modernas, como os hospitais, as prisões e a caserna,

que possuem atributos singulares que atuam como dispositivo de vigilância e controle do Estado Moderno. Ao mesmo tempo, o estabelecimento de instâncias controladoras da vida forneceu as bases para a disseminação da ideia de liberdade para além das instituições normativas, o que em última instância é o que pode ser visto ao longo do século XX, e que colocou essas mesmas instituições, as “fábricas de ordem” em xeque.

Vivemos novos tempos de transformação da modernidade, dos seus aspectos sólidos para liquefação, e construção de uma nova ordem definida pela economia. Passou a ser urgente derreter os sólidos para que o mundo se tornasse previsível e administrável. E “derreter os sólidos” significa questionar crenças e tradições, que permitiam que os sólidos resistissem a liquefação.

Entendemos a modernidade líquida a partir da perspectiva de Zygmunt Bauman, que a define como um momento em que a sociabilidade humana experimenta uma transformação que pode ser sintetizada nos seguintes processos: a metamorfose do cidadão em indivíduo em busca de afirmação no espaço social; a crise das grandes narrativas; a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição; a fragilidade dos laços entre as pessoas; o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal; as incertezas no lugar das certezas; o fim da perspectiva do planejamento a longo prazo.

Pensar a educação líquida é refletir sobre os possíveis caminhos que os professores e pesquisadores estão

encontrando nesse cenário, apresentados em forma de ensaios.
E você é nosso convidado a participar dessa reflexão, nesses
tempos em que tudo que é sólido se desmancha no líquido.

Arceloni Volpato
Simone Regina Dias



CAPÍTULO 1



AS TEORIAS DE BAUMAN: FLUIDEZ NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Rosângela Martins Carrara

O advento da tecnologia afeta de forma direta e indireta a educação com uma gama de informações científicas e tecnológicas provocando nos envolvidos no e com o processo educativo desafios didáticos e metodológicos que promovam a prática pedagógica. Nesse processo, temos alunos de diferentes níveis, professores, administradores e gestores educacionais envolvidos com as tecnologias de informação e comunicação que por um lado surge como solução para as dificuldades educacionais existentes no país e por outro como possibilidade de ampliar a oferta de acesso à educação para todos. Segundo Moreira e Kramer (2007, p. 1042),

Atribuem-se múltiplos sentidos à presença das TIC no ensino, vistas como contribuindo para que: se superem os limites das “velhas tecnologias” (ilustradas pelo quadro-de-giz e por materiais impressos); se solucionem problemas pedagógicos com que o professor se depara; ou, ainda, se enfrentem questões sociais mais amplas. É como se as TIC fossem dotadas de poder miraculoso! Nessa perspectiva, deixam de ser entendidas como

produções histórico-sociais, sendo vistas como fontes de transformações que consolidariam a sociedade da informação ou do conhecimento – expressão da qual estão ausentes os elementos sociopolíticos do “novo” arranjo social.

Esse quadro é contraditoriamente apontado por Bauman (2007) como um tempo líquido, ao se basear nos tempos nos quais as instituições educacionais não conseguem com a forma tradicional de ensinar e aprender manter um padrão de qualidade na educação. Segundo o autor esse contexto se modifica na medida em que se criam novas políticas educacionais, novas metodologias e formas, provocados pelos vários métodos de ensino que foram afetando o processo de ensinar e aprender nestes últimos trinta anos. Isso provocado pela preocupação no que vem a ser educar e como educar. Para Bauman (2001) em tempos de modernidade líquida, nos encontramos frente a uma dinâmica no processo de aprendizagem, que extrapola a do seu início.

Uma multiplicidade de alunos e professores se espalham pelas instituições educacionais no país e no mundo. Essa variedade torna-se um desafio ao professor que carece de formação e capacitação suficientes que deem conta de esclarecer, informar e dar a conhecer essa novo tempo, uma vez que aulas tradicionais já não dão mais conta de atender o aluno digital que chega a escola ávido por conhecimentos também digitais, o que para Bauman é característico por um tempo líquido.

Para Belloni (2002), as novas gerações desenvolvem novos modos de perceber e aprender, algo ligado a experiências mais completas, em contraposição aos métodos “bancários” de conhecimentos abstratos, frequentemente vistos na escola e, nesse sentido, a instituição escolar corre o risco de perder a capacidade de contato com as novas gerações que ela deve educar.

Nesse espaço de transformações e novas exigências didático-metodológicas, a educação abre suas portas para as tecnologias e parece corporificar três situações, que de acordo com Moreira e Kramer (2007),

- 1) se trata da tecnocracia domesticadora, onde o indivíduo torna-se escravo da tecnologia devido a uma multiplicidade de informações passageiras e fragmentadas. A escola é retirada de seu papel e trocada por modalidades de ensino;
- 2) que a exclusão passa pela preferência por professores com habilidade técnica maior do que a da crítica da produção ou do uso das TIC. Esse é o do pay-per-learn, onde a rede é tida como veículo de educação para todos, mesmo com escolas estruturalmente muito diferentes;
- 3) a cibereducação integradora, onde o homem se educa criticando e transformando o ambiente, direcionado por critérios que incentivem sua humanidade. A escola passa a ser híbrida, integrando homem e tecnologia.

Desta forma, os autores Moreira e Kramer (2007) nos apontam para um jogo consolidado de forças do poder econômico social que atuam nas políticas públicas e políticas educacionais que regem a educação brasileira, que confronta uma modalidade presencial com uma modalidade a distância, que em alguns momentos “parece” privilegiar mais uma do que outra e, com base nesses confrontos é que Zygmunt Bauman encontra eco com a sociologia contemporânea que “pode” apontar para a fragilidade das relações entre alunos e professores tanto no presencial quanto na modalidade a distância, além desta última ser caracterizada de forma instrumental. (grifo da autora) e, é nesse sentido que Bauman (2008) aponta para essa fragilidade uma vez que velocidade e fluidez favorecem a comunicação de informações, mostram-se com capacidade de dificultar vínculos, importantes no processo de aprendizagem.

Segundo o autor, as relações via rede intensificam-se também no campo educacional, é um processo de expansão virtual que influem significativamente na vida do indivíduo, o que colabora com a redução do tempo de contato entre professor e aluno. Tal expansão é resultado da receptividade e formas de relacionamento possíveis pelo virtual. (apud VARGAS, 2012)

O ciberespaço se consagra como mais um meio de relacionamentos em rede, como localidades virtuais dotadas de poder que configuram a realidade. Para Bauman (1999), “(...) a combinação extraordinária e assustadora do etéreo com a

onipotência, do não físico com o poder conformador da realidade”, está autenticada no encômio constante a uma libertação que parece corporificada num local “eletronicamente sustentável”. (p.26)

Desta forma, as relações virtuais se expandem provocando simultaneidade de comunicações e expressões que favorecem diversas possibilidades, um paradoxo, espalham e ampliam vinculações lânguidas.

Para Bauman (2004), as redes facilitam conexões de forma rápida e pragmática, facilitam desconexões, relativizando o significado do corpo e de suas relações. Para o autor, em sua crítica as consequências humanas pela globalização, as relações presenciais valorizam as parcerias e ressalta empenhos mútuos, e a falta de significado das distancias, pressagia a falta de significado das localidades ligadas por elas. Assim:

em de vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidades – ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir à distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar. Com as “distâncias não significando mais nada”, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para alguns a

liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado. Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés. (1999, p.25)

Na modernidade líquida os objetos originais ou concretos são ocupados pelas imagens, recriam a realidade e passam a ser realidades virtuais. Para Mrech (2003, p. 123), os “objetos originais adquiriram um estatuto de coisa simbólica inscrita através da linguagem. O objeto concreto foi abandonado (...)”. Tal sensação de preferência dos indivíduos pela imagem frente ao objeto, expressam no ciberespaço um não interesse pelos corpos, mesmo tendo o ciberespaço um interesse de forma decisiva e inexorável para a vida dos corpos. (BAUMAN, 1999)

Nesse devir a identidade pessoal, estabelecida nas relações mediadas pelas tecnologias, reflete uma ilusão de intimidade e uma incapacidade de se estabelecer relações humanas reais. Conforme afirma Bauman (2005, p. 31), “os grupos que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referências ortodoxas tentam encontrar ou estabelecer hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis totalidades virtuais, em que é fácil entrar e ser abandonados”.

Assim a tecnologia nas relações educacionais para transcender a mera ferramenta ou o mero recurso de apoio, sendo somente uma interface dos terminais de computadores, deve ser planejada didática e metodologicamente, a fim de

evitar efeitos psicológicos angustiantes nos alunos. (BAUMAN, 1999)

Na educação a distância o entendimento de que o computador utilizado como um instrumento pedagógico, favorece a educação por meio também do controle, uma vez que para acessarmos passamos a ter uma combinação de senha, por vezes uma foto, com ela marcamos nossa presença, indicada pelo software que registra todos os nossos passos.

Para Azambuja e Guareschi (2007, p. 442),

o computador é a principal tecnologia que medeia a interação dos agentes envolvidos, é a partir dele que se mapeia cada ato do aluno distante, desde o momento em que entra na página do curso até o instante em que se retira dela. Para acesso a tal ambiente, ele recebe uma senha. Assim, sabem-se quantas vezes um aluno entra no site por dia, quanto tempo permanece, por onde circulou, quais foram os materiais didáticos consultados, as preferências de dias e horários de acesso, quem são os colegas com quem mais interage, tudo isso sendo produzido em um relatório de informações para o professor que pode ser disponibilizado a qualquer momento. É o próprio aluno quem aciona tais relatórios, já que ele mesmo opera dentro dessa estrutura que segue procedimentos precisos, não admitindo que se desenvolvam ações de outro modo e, muitas vezes, não permitindo o conhecimento sobre tais mecanismos de controle. A senha é que vai indicar quando e quais espaços de trocas de informação são passíveis de acesso. É possível, assim, a geração de dados não apenas de um indivíduo, mas também de um grupo, de uma massa, com os pormenores de cada rendimento, estabelecendo-se estatísticas e criando-se padrões para elevar a qualidade.

Nesse cenário o computador é uma ferramenta do sistema neocapitalista, com possibilidades controladoras que visam a produção de informações em grande quantidade, sendo inserido no contexto educacional. Belloni (2002) afirma que esse contexto neoliberal selvagem favorece a expansão de iniciativas mercadológicas de larga escala, colocando no meio educacional, produtos de baixa qualidade, o que por muito tempo configurou a educação a distância ao combinar tecnologia e técnicas de gestão, num marketing de interesse neoliberal. Desta feita o controle e a produção de dados, gerados na EaD são utilizados como estratégias do momento, o que transgride as fronteiras teóricas da educação.

Se utiliza não somente a TV para informações, como também o PC, ou notebook, ou celular, tablet para darmos informações. Vidas são expostas em rede sociais. Facebook, LinkedIn, Instagram são meios de comunicação da vida pessoal e profissional das pessoas. Bauman (2008) afirma que:

No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas (...), fornecerem informações precisas e compartilhar fotografias (...) a vida social já se transformou em vida eletrônica ou cibervida, e a maior parte dela se passa na companhia de um computador (...) e apenas secundariamente ao lado de seres de carne e osso (...). (p. 08-09)

Essa cultura virtual está entranhada na instituição escolar, entre alunos e professores e gestores, administrativos,

por todos que tenham acesso, o que de um lado favorece para a utilização da tecnologia como um meio para os conteúdos, por outro gera fofocas, intrigas, discussões, pelos assuntos adicionados à rede social. Essa exposição social virtual, para Giddens (1993), configura uma modernidade líquida, no qual a intimidade da pessoa é zero, argumentando sobre a garantia de uma democratização radical da esfera pessoal.

Na educação a distância o controle e acompanhamento do aluno em seu cotidiano escolar passa pelo ambiente virtual de aprendizagem. Azambuja e Guareschi (2007, p. 443) acrescentam que “esse processo de controle por modulação ganha em abrangência e flexibilidade, funcionando por ondulação, modificando-se constantemente, acompanhando o aprendiz esteja onde ele estiver. (...)”.

O mundo virtual possibilita com o uso das tecnologias e no dinamismo e velocidade de suas funções, que a educação se expanda e se torne um espaço escolar de acesso, mesmo com algumas lacunas, a educação a distância em seu ímpeto de formar indivíduos preparados para atender a um mercado cada dia mais tecnologicado, se esquece do professor, figura largada pelo sistema e pela sociedade, por sua vez, afastado de seu aluno, perpetrado pelo ambiente virtual de aprendizagem numa proposta que o coloca distante, de modo virtual a responder as questões e dúvidas nos fóruns de debates, por email, por telefone, por WhatsApp, entre outros.

Dessa forma, a educação a distância com sua metodologia e formas de ensinar, tem que estar sempre bem

ajustada as políticas educacionais, para não se determinar como Bauman desenvolve ao longo de suas obras argumentos de uma modernidade líquida e para não ser reflexo da mesma por excessos científicos e metodológicos numa educação líquida, contradizendo as críticas que ainda sofre tendo por base argumentos de Kenski (2006) que afirma que a escola virtual seja fluída.

Tudo tem dois lados, assim o é com a educação, principalmente a distância, ela ainda inquieta e ainda sofre resistências, nesse sentido, essa provocação, compreender o avanço da tecnologia e atuar nela, torna-se imprescindível que se analise sua qualidade e suas consequências. É preciso romper e desequilibrar o pensamento sobre o virtual para que com clareza conceitual e fundamentos próprios possamos entender o que significa estar diante de um mundo global e local.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, M. A. de; GUARESCHI, N. M. de F. (2007), *Devir Vírus*. In: Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n. 2, p. 439-454.
- BAUMAN, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (2004). *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- _____ (2008). Vida para Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BELLONI, M. L. (2002). Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. In: Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 78, Abril.
- GIDDENS, A. (1993). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, Ed. UNESP.
- KENSKI, V. M. (2006). Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, SP: Papirus.
- MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. (2007). Contemporaneidade, educação e tecnologia. In: Educação e Sociedade. Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 10371057.
- MRECH, L. M. (2003). Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- VARGAS, Claudio Pellini. Educação Líquida? Relato de uma experiência com o método EAD numa leitura com Z. Bauman. Mestrando em Educação – Universidade Católica de Petrópolis/RJ. Professor do Colégio Militar de Juiz de Fora, 2012.

CAPÍTULO 2



AUTODIDAXIA E SISTEMA EDUCACIONAL: UM DIÁLOGO MAIS QUE NECESSÁRIO

Inês Staub Araldi

Vivemos a era em que a combinação dos meios tecnológicos e a globalização da economia desintegram fronteiras políticas, econômicas e de relações interpessoais. De forma reducionista, a combinação destes dois fatores define o que Pierre Lévy denomina como o fenômeno da virtualização, um movimento geral que vai muito além de tudo aquilo que pode ser relacionado ao gigantesco volume de dados compartilhados através da rede mundial de computadores. Na definição do autor, trata-se de um fenômeno que afeta também os corpos, a informação e a comunicação, bem como o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade e da inteligência e até mesmo os modos de estarmos juntos. Por se tratar de um processo bem amplo e abrangente, podemos pensar a virtualização como um intrincado sistema de intercâmbio global que dá fluidez aos corpos, ao trabalho, as ideias, aos valores econômicos e aos bens simbólicos. Ela é causa e consequência de um irreversível processo de transformação cujo resultado, podemos afirmar, é

este mundo que nos é contemporâneo e no qual nada mais parece ser, nem sólido nem duradouro.

Talvez o efeito mais imediato - ou pelo menos o mais perceptível - da virtualização, seja esta constante sensação de instabilidade. A situação política nos mais diversos países do mundo, a economia, nosso trabalho, a vida de nossos filhos e de nossos alunos, tudo parece ancorado sob uma base extremamente frágil. A tentativa de manter certo equilíbrio existencial neste universo sempre pronto a se desintegrar aqui para se reagrupar logo ali - ou do outro lado do planeta - exige esforços e competências que precisam ser adaptados e renovados a cada instante.

A transformação dos processos e dos meios atinge a todos, independentemente da profissão ou do estilo de vida. Uns mais e outros menos, estamos todos obrigados a constantes atualizações pessoais e profissionais, o que de certa forma também nos leva a assumir multitarefas. E por mais que nos esforcemos para acompanhar acontecimentos, descobertas, inovações e os fatos mais simples do cotidiano, parece inevitável sermos surpreendidos, de uma hora para outra, com a constatação óbvia de que não estávamos suficientemente preparados para enfrentar determinada situação.

E não é para menos. As informações estão por toda parte e são produzidas num ritmo vertiginoso. Além disso, a facilidade de acesso a estas informações leva a pressupor que devemos saber de tudo e o tempo todo. Se não estudamos conteúdos específicos de geografia, ou se não carimbamos o passaporte,

isso não é desculpa para não termos informações acerca de outros países, continentes, cidades. Virtualmente, podemos percorrer o globo terrestre através de imagens e vídeos disponíveis na rede. Da mesma forma podemos conhecer e adquirir produtos que chegam até nos por via postal. As relações interpessoais também se encontram facilitadas. Os meios de comunicação, os sites de relacionamentos e os inúmeros aplicativos disponíveis nos permitem conversar e estabelecer relações de qualquer natureza com pessoas de todo planeta.

Modelo econômico ou estilo de vida. Seja qual for o nome que será dado ao fenômeno, esta celeridade nos coloca num contexto em que bens e processos tornam-se obsoletos com muita frequência. Alguns se transformam, outros simplesmente desaparecem para dar lugar a novas necessidades, novos hábitos, que por sua vez demandam novos processos e outros produtos, num ciclo que parece infinito.

Segundo Lévy (1996, p.24):

[...] a virtualização não se contenta em acelerar processos já conhecidos, nem em colocar entre parênteses, e até mesmo aniquilar, o tempo ou o espaço, como pretende Paul Virilio. Ela inventa, no gasto e no risco, velocidades quantitativamente novas, espaços-tempos mutantes.

O ser humano não é somente o agente a impulsionar este processo. Somos também por ele afetados e colocados à prova. Se tudo muda, quem e o que permanecer imóvel estará, no mínimo, fora de contexto. A saúde, os corpos, os padrões, os meios, a vida; tudo muda constantemente. Aquilo que buscamos, as habilidades que tentaremos desenvolver, é que

vão determinar nossos movimentos, os quais terão resultado tanto satisfatório quanto estivermos preparados quando se fizerem necessários.

Diante deste fato, podemos nos comportar de duas maneiras. Ou tomamos parte ativa neste processo, ou nos empenhamos significativamente na tentativa de combater seus efeitos. Qualquer que seja a escolha, não vai fazer muita diferença. O processo está em andamento e a ele já não podemos mais permanecer indiferentes. Estamos todos inseridos neste meio e é natural que estabeleçamos nossa própria forma de sobreviver. Por isso agora, talvez mais do que nunca, a palavra de ordem seja conhecimento. Um conhecimento que, para atender às necessidades criadas por esta nova ordem, precisa ser tão dinâmico e atualizado quanto os objetos dos quais se ocupa.

Neste sentido, o presente trabalho pretende provocar uma reflexão acerca do ensinar e aprender contemporâneo, para além das estruturas oficialmente reconhecidas como espaço de saber e aquisição de novas habilidades. Mas, principalmente, dentro destas. Ou seja, trata-se de uma reflexão acerca das mudanças que a virtualização provoca nos meios de aquisição e transmissão de conhecimento, e de como o sistema educacional brasileiro tem se posicionado em relação a estas mudanças.

Uma das dificuldades da tarefa aqui proposta é a própria definição que o termo conhecimento assume atualmente. Há quem discorde com veemência, mas vamos considerar o fato de

que o grande número de informações que circulam velozmente e as nem tão velozes descobertas científicas são igualmente fontes de conhecimento. Considere-se também que a relevância - ou a preponderância de uma sobre a outra, dependem mais do contexto de atuação de quem busca o domínio deste ou daquele campo específico, do que de um juízo de valor que poderia ser estabelecido a priori. Volto ao argumento mais adiante. Por ora, é imprescindível clarear alguns pontos.

Costuma-se reconhecer duas principais formas de aquisição de conhecimento. A autodidata e aquela que advém de um processo de ensino aprendizagem. A primeira, embora seja valorizada no mérito, passa a ser reconhecida de fato se corroborada pelo sistema oficialmente instituído para dar sustentação legal ao segundo. Ou seja, pode-se entrar na Universidade ainda jovem, uma vez comprovada a aptidão para frequentá-la. Mas não se pode ser doutor sem um diploma. O que quer dizer que vivemos uma curiosa inversão, no sentido em que o aparato legal¹ que dá sustentação ao processo ensino aprendizagem parece se confundir, ou se sobrepor a este, de tal maneira que em alguns casos, as instituições, por si só, parecem ser garantia de boa formação acadêmica. Pensemos em Harvard, Stanford ou USP, por exemplo.

Pensar o processo ensino aprendizagem fora do atual sistema pode ser complicado para uma geração que entrou para

¹ Refiro-me à regulamentação oficial necessária para o funcionamento das instituições de ensino, bem como às normativas internas destas mesmas instituições.

a escola muito cedo. Cursamos as séries iniciais e o ensino fundamental para depois termos acesso ao ensino médio e assim por diante. Mas nem sempre foi assim. As escolas, com crianças e carteiras, tais como as conhecemos hoje, datam do século XII. Seu objetivo era ensinar a ler, escrever, e fazer contas, ao mesmo tempo em que se ministrava o catecismo. Já as escolas multitemáticas datam dos séculos XIX e XX, ou seja, são instituição moderna. Claro que já existiam outras escolas desde a Grécia Antiga, mas eram específicas em sua especialidade, recebiam alunos de todas as idades e os pré-requisitos para frequentá-las dificilmente poderiam ser anos cumpridos em outras escolas.

Não cabe aqui um inventário sobre o surgimento ou a regulamentação dos atuais sistemas de ensino, mas é necessário ressaltar que a implantação do sistema vigente no Brasil e em qualquer país do mundo foi um processo lento e gradativo. Neste sentido, Barreto e Filgueiras (2007), em seu estudo sobre as origens das universidades brasileiras, nos dão uma noção bastante clara sobre a longa trajetória a ser percorrida para que chegássemos à criação das modernas universidades de pesquisa e extensão que conhecemos atualmente. Pode-se imaginar percurso semelhante para os demais níveis de ensino, o que nos leva a constatação evidente de que o próprio sistema está sempre em construção, como veremos mais adiante.

Por ora, interessa provocar uma reflexão sobre o papel e a atuação do sistema educacional brasileiro na era da virtualização. Ainda que o espaço de um artigo seja insuficiente

e correndo o risco de abordar o tema com superficialidade, é necessário considerar que existe uma estrutura legalmente instituída e regulamentada, com a função oficial de expedir certificados e títulos de competência. Como tal, também estabelece critérios mínimos, que envolvem desde a carga horária até a estrutura curricular propriamente dita. Além disso, também estabelece o ranking de titularidades acadêmicas oficiais.

Entre outras coisas, os órgãos oficiais também têm se encarregado de regulamentar o acúmulo de competências e conteúdos ministrados aos estudantes, distribuir os prazos que devem ser observados e especificar exigências mínimas para que cada etapa seja considerada cumprida. Nos últimos anos, também lhes cabe aplicar avaliações de competência e desempenho aos diversos níveis de escolaridade e coletar dados oficiais que objetivam orientar as políticas públicas para este setor da sociedade. E são estes próprios dados que revelam as falhas do sistema, ou melhor, detectam o que não funciona como se esperava. Os dados oficiais coletados nas últimas provas dão conta de que estamos longe de atingir as metas estabelecidas para a educação nacional, principalmente nos anos finais da educação básica e também no ensino médio². Mais grave do que o baixo rendimento apresentado pelos

²Segundo os dados do INEP 2017, os índices de reprovação na educação básica são: Anos Iniciais: Reprovação de 3,7%, Abandono de 0,2% e Aprovação de 96,1%; Anos Finais: Reprovação de 10,3%, Abandono de 0,8% e Aprovação de 88,9%; Ensino Médio: Reprovação de 12,5%, Abandono de 6,0% e Aprovação de 81,5%;

alunos, são as estatísticas de abandono e evasão³. Tal resultado tem denunciado a ineficiência do sistema e, conseqüentemente, desencadeado medidas institucionais que buscam solucionar questões pontuais. Assim tivemos a ampliação da obrigatoriedade de permanência na escola e a conseqüente extensão da educação básica por mais um ano, algumas redistribuições de disciplinas e carga horária, entre outras tantas mudanças que se revelam mais estruturais do que de intervenção pedagógica.

Em geral, as mudanças são ditadas pelos órgãos normativos e, na escola, significam novas atribuições e metas a cumprir, aumentando ainda mais a carga de professores e alunos. E tem mais! Nos últimos anos as questões políticas e sociais também passaram a requerer espaço mais amplo de debate, e entraram para o currículo escolar como temas transversais. Em partes, isso se deve à rápida circulação das informações impulsionada pela virtualização que, indiretamente, contribui para que grupos se organizassem na defesa de ideias e ideais que ressignificam nossa existência como seres que convivem em sociedade. Sem entrar no mérito da questão, vale lembrar que os temas transversais implicam em mais conteúdos e responsabilidades para professores e alunos

³ Dados do INEP revelam que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. O 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino.

que, sem se livrar do peso histórico de cada conteúdo a ser ministrado, acumula sempre outros tantos. E, desta forma, já não ensina tão bem como antes, como dizem os mais velhos, e também não acompanha a celeridade atual, como gostariam os mais jovens.

A própria escola não está satisfeita consigo mesma, ou melhor, com o resultado de sua atuação! Assim como também não estão satisfeitos à família, o mercado de trabalho e a sociedade em geral. Tudo isso, associado à cultura de satisfação imediatista e da celeridade da era virtual, resulta num quadro complicado e, dito com certo otimismo, insatisfatório, no sentido em que a estrutura oficial dos sistemas de ensino já não atende satisfatoriamente aos fins que lhe são atribuídos. Pelo menos é o que nos revelam os resultados das avaliações oficiais.

E o resultado salta aos olhos. Em muitas salas de aula “normais”, alunos impacientes irritam professores desmotivados. Os fatores que levam a esta situação podem ser inúmeros, mas a incoerência entre o que a escola oferece e o que o aluno está disposto a receber é sem dúvida um dos principais. E, ao contrário do que muitos pensam, não se trata de uma simples questão de ignorância ou indulgência de quaisquer dos envolvidos. Arrisco a dizer que nunca antes os professores estiveram tão preocupados em preparar suas aulas. Também é inegável o esforço do poder público que tem concentrado esforços no sentido de elaborar novas propostas em termos de carga horária, conteúdos mínimos e outras normas, ao mesmo tempo em que se busca identificar os pontos

fracos através de avaliações oficiais aplicadas a todos os níveis educacionais. Já os estudantes, embora possam parecer cada vez menos preparados para responder as questões propostas pelos professores, estão cada vez mais prontos a questionar sua pertinência e utilidade. O que constitui um forte indício de que não somente são capazes de assimilar o que é proposto, como também procuram relacionar esta proposta com um contexto de aplicabilidade. E isso não me parece nada ingênuo. Muito pelo contrário. O que quer dizer que não se trata de um público menos interessado o que frequenta nossas classes. Nem menos preparado. A questão é que estamos todos, mestres e aprendizes, imersos em um novo contexto dentro do qual as respostas exatas ainda podem significar um resultado numérico positivo, no sentido da avaliação, mas estão longe de significar conhecimento suficiente.

Apesar das constantes tentativas de alavancar os resultados obtidos durante o processo ensino aprendizagem, as mudanças até agora implantadas não chegam a representar um avanço significativo e estão longe de acompanhar o ritmo das transformações que a globalização e a virtualização impõem aos demais segmentos da sociedade contemporânea. Em boa parte, isso ocorre porque as transformações são imprevisíveis e incontroláveis. A educação em massa exige planejamento e os técnicos encarregados das mudanças operacionais planejam ações futuras com base em dados coletados no passado. Ou seja, estarão sempre correndo atrás da máquina. Além disso, no período em que vivemos a aplicação dos conceitos também se

relativiza. Certamente o conhecimento e a informação não são a mesma coisa, mas em determinados casos podem assumir funções semelhantes. Ambos são ferramentas imprescindíveis no enfrentamento concreto da realidade e o acesso e/ou domínio destas ferramentas pode facilitar, ou em caso de insuficiência, podem complicar nosso desempenho no dia a dia. No caso específico do acesso no contexto escolar, já não se trata mais de valorizar um em detrimento do outro, mas de compreender a importância e a aplicabilidade de cada um deles.

Segundo Lèvy:

A informação e o conhecimento, de fato, são doravante a principal fonte de produção de riqueza. Poder-se-ia retorquir que isso sempre foi assim: o caçador, o camponês, o mercador, o artesão, o soldado, deviam necessariamente adquirir certas competências e se informar sobre seu ambiente para executar suas tarefas. Mas a relação com o conhecimento que experimentamos desde a Segunda Guerra mundial, e sobretudo depois dos anos setenta, é radicalmente nova. Até a segunda metade do século XX, uma pessoa praticava no final de sua carreira as competências adquiridas em sua juventude. Mais do que isto, transmitia geralmente seu saber, quase inalterado, a seus filhos ou a aprendizes. Hoje, este esquema está em grande parte obsoleto. As pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também, no interior da mesma “profissão”, os conhecimentos têm um ciclo de renovação cada vez mais curto (três anos, ou até menos, em informática, por exemplo). Tornou-se difícil designar as competências “de base” num domínio. Novas técnicas ou novas configurações socioeconômicas podem a todo

momento recolocar em questão a ordem e a importância dos conhecimentos”. (LEVY, 1996, p. 54-55)

O que quer dizer que, num contexto mais geral, pode não ser apenas impressão esta sensação de conhecimento insuficiente. Na dinâmica dos fatos que nos é imposta pela virtualização o programa acadêmico de uma vida profissional em formação pode se tornar obsoleto ainda durante seu próprio percurso, se considerarmos que as licenciaturas duram em média quatro ou cinco anos, e que dificilmente um curso superior tem sua grade curricular alterada durante a execução. É claro que a proposta de formação e o conteúdo ministrado permitem certa flexibilidade, mas há muitas outras coisas que amarram e dificultam o dinamismo do processo, a exemplo do calendário oficial a cumprir, conteúdos mínimos a serem ministrados para depois serem avaliados em provas oficiais ou cobrados em concursos. E com tantas metas a cumprir em relação à aquisição do conhecimento, o espaço para compartilhar informações se encontra muito restrito no âmbito escolar. Basta pensar na proibição dos telefones celulares para ilustrar o suposto ruído que a troca de informações parece causar em uma sala de aula convencional.

A ideia aqui não é defender o uso que qualquer aparelho, nem ter a pretensão de elencar os pecados capitais cometidos nas escolas ou impostas pelos órgãos oficiais. Por ora, basta refletir sobre o uso da informação nas classes escolares, sobre os meios que a ela nos dão acesso, e sobre as possíveis funcionalidades de seu uso no processo de aquisição de

conhecimento. Como provocação, há que se pensar no simples fato de que somos todos, professores e alunos, usuários assíduos das novas tecnologias fora do espaço escolar. Estes equipamentos invadiram nossa casa, nosso trabalho e fazem parte de nossas horas de lazer. Mas em sala de aula não podem entrar!

Considere-se também que somos polivalentes e que aprendemos a desenvolver diversas habilidades, dentre as quais a capacidade de aprender através de alguém que nos ensina é apenas uma delas. Também fazemos pesquisas, buscamos informações, testamos novas estratégias e habilidades e investimos nas relações interpessoais. Dificilmente poderíamos ignorar o fato de que todas estas coisas contribuem para o processo de crescimento pessoal e intelectual e que, por fim, formam bases sólidas para um conjunto de habilidades e competências que podemos chamar de conhecimento. Enfim, estamos imersos em um contexto bastante amplo, do qual o ensino formal é apenas uma parte do processo.

Esta nossa polivalência, que em partes é parte do processo de adaptação aos novos tempos, é também resultado das alterações que a virtualização provoca no universo do conhecimento, ou das formas que o conhecimento assume nos tempos atuais. Segundo Lévy, a virtualização mexe, principalmente, com sua suposta solidez:

Passou-se portanto da aplicação de saberes estáveis, que constituem o plano de fundo da atividade, à aprendizagem permanente, à navegação contínua, num conhecimento que doravante se projeta em primeiro

plano. O saber prendia-se ao fundamento, hoje se mostra como figura móvel. Tendia para a contemplação, para o imutável, ei-lo agora transformado em fluxo, alimentando as operações eficazes, ele próprio operação. Além disso, não é mais apenas uma casta de especialistas, mas a grande massa das pessoas que são levadas a aprender, transmitir e produzir conhecimentos de maneira cooperativa em sua atividade cotidiana. (LEVY, 1995, p. 55)

Poder-se-ia dizer que a própria fala do autor já está ultrapassada, não fosse o fato de que o tempo passado desde o lançamento de sua obra até a escrita deste trabalho só tornou mais evidente o que ele dizia há mais de cinquenta anos. Produzir e divulgar conhecimentos, hoje, é possibilidade de qualquer um. Pessoas cada vez mais jovens dominam a tecnologia de elaborar tutoriais dos mais variados conteúdos, que entram num circuito dinâmico no qual passam a ser assistidos e compartilhados, reeditados e reinventados. Pessoas de todas as experiências criam blogs que surgem aos milhares. Nas escolas e fora delas, inúmeros livros e artigos acadêmicos, resenhas e resumos são disponibilizados em rede. Da mesma forma os fatos do cotidiano podem ser filmados ao vivo e transmitidos instantaneamente, por profissionais e amadores munidos de um simples telefone celular. Os meios também se tornaram mais ágeis e de menor custo. Um print substitui com vantagens o impresso, ao mesmo tempo em que a cópia manual ainda é prática em muitas escolas. Além disso os livros já podem

ser ouvidos através das mídias, os sites de busca substituíram as enciclopédias e por aí vai.

Ou seja, a virtualização tornou possível a fluidez que deslocou definitivamente a relação entre os fatos e as pessoas, entre o conhecimento e o seu repositório, entre os meios e os acessos. Para os mais jovens não há nenhuma novidade nisso. Os atuais estudantes do ensino fundamental já encontraram este mundo pronto e são produto decorrente. Mas não se pode dizer o mesmo dos professores e gestores educacionais. Muitos nos tornamos ávidos pela tecnologia e acompanhamos as inovações. Mas tempo e disponibilidade mudam de lugar, a depender de inúmeros fatores, dentre os quais as condições financeiras, ocupações, prioridades e interesses. O que vale também para os mais jovens, é claro. Como diz Belloni (2008), a tecnologia também cria seus excluídos. Mas ela existe, e é este o assunto em questão.

Dizer que o sistema educacional não está sendo atingido pelo processo de virtualização já seria exagero. É claro que algumas das inovações tecnológicas chegaram à escola. Mas, como enfatiza Carbonell (2002), as práticas escolares continuam centenárias e tradicionais. As poucas mudanças que se podem ver são mais epidérmicas que reais. Ou seja, ainda que seja possível detectar sintomas de modernidade, isso não significa mudanças contundentes, compatíveis com as mudanças viscerais provocadas pela virtualização. Os aparelhos tecnológicos realmente chegaram à algumas escolas, mas nelas cumprem função idêntica a dos livros de texto e limitam-se a

ditar a mesma lição de sempre. Não atendem, portanto, às necessidades de um aluno que quer falar, produzir, protagonizar.

Para se pensar a relação entre a aprendizagem e as novas tecnologias, é absolutamente necessário considerar pelo menos dois aspectos muito importantes. O aparato tecnológico por si só ensina pouco, ou quase nada. E o que é ainda mais grave. Pode se tratar de apenas mais uma estratégia comercial utilizada tanto pelas empresas de tecnologia da informação quanto pelas das escolas ávidas pela captação de alunos, visto que poderia aparentar um avanço que está longe de atingir o principal objetivo do processo de ensino-aprendizagem, que é a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento das diferentes habilidades. Para Carbonell:

(...) a tecnologia de ponta procura abrir caminho no campo da inovação, apresentando-se como panaceia para a resolução de qualquer problema; e não lhe faltam meios para tentar todo tipo de estratégias de marketing para conseguir isso, algumas beirando a ilegalidade ou a ética do permissível. Mas sua contribuição é mais quantitativa que qualitativa, mais centrada no como do que no porquê, na embalagem mais do que no conteúdo. Além disso, tem um enganoso valor agregado: imaginar que é culturalmente suficiente estar atualizado mediante o domínio de algumas habilidades instrumentais e o acesso ao crescente arsenal informativo, quando o que deveria ser prioritário não é o domínio de uma estratégia para navegar, mas sim para discriminar a informação relevante, analisá-la e interpretá-la, ou seja, para pensar criticamente o conhecimento socialmente constituído.

Mas é preciso admitir que isso não é um problema para a indústria de tecnologias inovadoras. Elas jamais se propuseram a revolucionar o processo ensino aprendizagem. O produto que desenvolvem é destinado à população em geral e neste sentido seu sucesso é incontestável. Ao contrário do consagrado material didático, quase sempre produzido com a finalidade exclusiva de atender às necessidades das atividades pedagógicas, as novas tecnologias estão em todo lugar. Elas fazem parte do cotidiano dos alunos de todas as idades e a grande maioria não depende da escola para aprender a manuseá-las, e nem mesmo se espera que tal domínio faça parte das atividades escolares. Isto não significa que possamos ignorar a infinidade de informações acumuladas e transmitidas através dos meios tecnológicos e este é o segundo ponto - como também somos forçados a admitir que conhecemos suas funções lúdicas e finalidades puramente comerciais, razão pela qual seu uso em classe ainda pode ser visto com desconfiança.

No caso específico dos equipamentos de tecnologias da informação, o problema se cria ao tomarmos, no contexto da educação escolar, o continente pelo conteúdo. Nós educadores precisamos admitir e aprender a diferenciar o que é o equipamento em si, e quais são as suas infinitas possibilidades. Só desta forma abriremos a possibilidade de utilizar como ferramenta pedagógica aquelas que servem como tal. As mídias digitais são, como já dito anteriormente, um gigantesco repositório de informações as mais diversas. Tornaram-se inclusive meio de acesso e compartilhamento à inúmeras obras

consagradas que se tornaram de domínio público. Desta forma, o virtual é também memória social e coletiva que, para Levy, possui dinâmica própria:

A transmissão e a partilha de uma memória social são tão velhas quanto a humanidade. Narrativas, passes de mágica e sabedorias passam de geração em geração. Entretanto, o progresso das técnicas de comunicação e de registro ampliou consideravelmente o alcance do estoque compartilhável (bibliotecas, discotecas, cinematecas). Hoje, a informação disponível online ou no ciberespaço em geral compreende não apenas o “estoque” desterritorializado de textos de imagens e de sons habituais, mas igualmente pontos de vista hipertextuais sobre este estoque, bases de conhecimento com capacidades de inferência autônomas e modelos digitais disponíveis para todas as simulações. Além destas massas de documentos estáticos ou dinâmicos, paisagens de significações compartilhadas coordenam as estruturas subjetivas variadas do oceano informacional. A memória coletiva posta em ato no ciberespaço (dinâmica, emergente, cooperativa, retrabalhada em tempo real por interpretações) deve ser claramente distinguida da transmissão tradicional de narrativas e das competências, bem como dos registros estáticos das bibliotecas. (LÉVY, 1996, p. 115)

Ou seja, o mundo virtualizado não pode ser desconsiderado ou ignorado como muitos ainda insistem em fazer. Ele está aí e pronto. E não é motivo para desespero ou desalento. O Google é um hipertexto em sentido lato e não substitui a função do professor como já não o fazia a

enciclopédia. Se a escola deve ou não trabalhar conteúdos que estão disponíveis online, não está em discussão. Pelo menos não neste trabalho. Escola é lugar de estudar, de aprender e de ensinar. Ponto. A questão mais importante é: como isso pode ser feito para que o resultado seja satisfatório? O que nos leva diretamente a aquele que aprende.

O aluno, de todas as idades, tem livre acesso a tudo o que a tecnologia tem a oferecer. Uns mais outros menos, mas são cada vez mais raros aqueles que não possuem um smartphone. Nossas escolas, embora com precária estrutura, oferecem um mínimo de acesso à rede. O serviço também está nas bibliotecas e nas lan houses, nas mãos de um amigo ou de um membro da família. As estatísticas comprovam isso. Dados do IBGE dão conta que ainda em 2016 63,3% das casas brasileiras já estavam conectadas. Se considerarmos a faixa etária entre os 18 e 24 anos, a taxa de pessoas online sobe para 85% na mesma época. É fácil concluir que de lá para cá os números só fizeram aumentar.

Os dados anteriores somente reforçam o argumento de que, em se tratando de informações e de conhecimento, é absolutamente impossível prever com que público estaremos lidando ao entrar em uma sala de aula. Ainda que seja discutível “quem acessa o quê”, é impossível negar o grande volume de dados acessados pela população em geral, na qual estamos incluídos professores e alunos. As mudanças comportamentais ocasionadas pelo acesso à rede não cabem aqui, mas é ponto pacífico que estamos todos mais informados, ainda que seja

sobre banalidades; que pessoas anônimas se tornam celebridades num piscar de olhos; que fatos isolados podem causar comoção mundial e que podemos acompanhar acontecimentos mundiais em tempo real. Entre tantas outras coisas. Com tantas coisas acontecendo, passamos a ler manchetes e a observar imagens. Aprendemos a fazer leitura dinâmica e nos tornamos impacientes.

Também é pacífico afirmar que as etapas concluídas do ciclo escolar não são o referencial mais seguro acerca das informações e do conhecimento que qualquer estudante possa ter. É certo que nunca foi! Mas nunca antes fomos tão imprevisíveis. E esta imprevisibilidade pode desestabilizar um professor menos preparado e muitas vezes também frustra as expectativas de um aluno capaz de ir além das metas estabelecidas pelo programa de ensino que lhes compete cumprir. No contexto das novas tecnologias, as informações e o conhecimento estão ao alcance de um clique, o que torna impossível prever ou limitar o quanto um aluno possa saber acerca de um determinado assunto. Isso agora depende do interesse de quem quer aprender, do tempo que esta pessoa tem para se dedicar ao objeto de interesse e dos meios através dos quais terá acesso.

Vale ressaltar, porém, que a existência da possibilidade não significa necessariamente que ela esteja sendo aproveitada. Nem pela escola, nem pelo aluno. Neste sentido, algumas pesquisas importantes estão sendo feitas para avaliar os impactos do uso da rede no desempenho dos estudantes, dentre

as quais destaco o trabalho de Bellini e Gomes que busca compreender como os “novos modos de aprender” se amplificam e complexificam com o acesso e o uso lúdico do computador e da internet (2012).

Para as pesquisadoras, as crianças nascidas na era das tecnologias se apropriam destes meios a partir das mesmas estratégias que utilizam para apreender outros meios de seus universos de socialização, fato este que descentra o processo de aquisição e reelaboração do conhecimento desde os primeiros anos, na escola e fora dela. Conhecer este novo aluno é o grande desafio do educador contemporâneo, até por quê:

As teorias de aprendizagem (Piaget, Vigotski...) e as abordagens institucionais (que estudam a criança do ponto de vista da escola ou da família), embora não tenham de modo algum perdido sua validade, já não dão conta de toda a complexidade do tema que nos ocupa. A rapidez do avanço técnico é tal que as gerações adultas não conseguem acompanhar e perceber com clareza a naturalidade desta apropriação espontânea, isto é, sem a intervenção didática do adulto, que as crianças e jovens costumam realizar em contato com as TIC. Uma espécie nova de autodidaxia está desafiando a escola e, por consequência, todo o campo da educação, a produção de conhecimento (pesquisa) como a formação de professores (2008, p. 721).

O conceito autodidaxia que as autoras utilizam para designar o processo de autoaquisição do conhecimento e ressignificado pelo acesso às novas tecnologias, não é necessariamente novo em sua essência. Aprender por si mesmo,

através do uso de quaisquer meios disponíveis, deve estar entre as primeiras habilidades desenvolvidas pelo ser humano desde os primórdios. Muito antes das escolas existirem, a pesquisa já existia. Alguns aprendiam através da manipulação dos elementos, outros das plantas, ou da observação dos seres vivos, das estrelas e do universo. Outros ainda se arriscavam em experimentos os mais variados, alguns dos quais resultaram em verdadeiras descobertas científicas ou se tornaram grandes invenções. Muitos destes processos revolucionários que transformam definitivamente a vida no planeta são atribuídos a pesquisadores e teóricos que desenvolveram suas ideias por conta própria, através de métodos particulares e inovadores para a sua época.

O que há de novo no atual processo de aquisição, reelaboração e transmissão do conhecimento, está mais relacionado aos meios através dos quais é possível chegar até ele do que no processo cognitivo, propriamente dito. É preciso considerar que, independentemente da abordagem teórica ou do método a ser aplicado por quem ensina, a aprender será sempre um ser que pensa por si mesmo, e assimila aquilo que, de alguma forma, lhe interessa aprender. Neste sentido, o autodidata contemporâneo se encontra favorecido pelo facilitado acesso a um repositório cada vez mais vasto de informações, conceitos, princípios, crenças, habilidades, fórmulas e meios os mais diversos para testar suas hipóteses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o processo ensino aprendizagem no contexto atual implica num olhar criticamente honesto em relação às falhas do sistema educacional, e também no reconhecimento de seus méritos. Torna-se urgente lembrar que a aprendizagem, por mais que seja conduzida por um professor, será sempre um processo de aquisição e reelaboração individual do aprendente, cujo resultado não pode ser avaliado por critérios rasos, dada a sua complexidade.

O desenvolvimento de nossas habilidades certamente não está relacionado somente à escola, como também o resultado obtido pelo aproveitamento das aulas não pode ser atribuído somente ao processo de interação entre professores e alunos.

Para Carbonell:

O conhecimento, extraordinariamente complexo e multidimensional, assenta-se em três grandes pilares: o da informação, que gera conhecimento relevante, o da explicação, que facilita a compreensão do porquê das coisas; e o da apropriação subjetiva, que contribui para a formação de um critério de opinião pessoal.

De forma bastante reducionista e simplificada, vamos imaginar que a informação pode ser obtida em qualquer lugar, inclusive pode ser trazida pelo professor para dentro da sala de aula. Já a explicação, de praxe, é atribuída como trabalho do professor. Ou dos alunos, colegas de classe, quando o professor lhes dá a palavra. Mas a apropriação subjetiva, esta rebelde, ela

depende dos níveis de atenção, do grau de interesse, do estado de espírito, e de tantas outras coisas que não cabem aqui.

O aprendiz solitário, o novo autodidata, pode encontrar na rede mundial de computadores todos os três pilares que, segundo Carbonell, assentam o conhecimento, objetivo primeiro do processo ensino aprendizagem.

Cabe aos agentes educacionais repensarem acerca das contribuições que as novas ferramentas de TI podem trazer para o processo de aquisição de conhecimento, sem preconceito e sem nenhuma preocupação. Enquanto especialistas educacionais ainda discutem os impactos que o uso de tais ferramentas está causando no desempenho dos alunos – que se servem destas ferramentas fora da escola – o mercado já está oferecendo novas tecnologias, de modo que a escola está sempre vários passos atrás.

Também não podemos mais usar o falso discurso da falta de estrutura das nossas escolas e da urbanização do acesso. A sociedade nunca foi e nem está sendo justa, o que não quer dizer que nós não podemos melhorá-la. Se como instituições de ensino não podemos oferecer as novas tecnologias para nossos alunos, pelo menos vamos permitir que eles usem seus próprios recursos, e vamos incentivá-los a socializar seus aparelhos com os colegas.

Cabe a cada educador encontrar sua forma de inovar, de acompanhar as tendências e de oferecer ao seu aluno todas as possibilidades para desenvolver suas habilidades e

competências. Fazemos todos parte deste mundo virtualizado e frenético. Gostemos ou não!

REFERÊNCIAS

BARRETO, Arnaldo Lyrio; Filgueiras, Carlos A. I; *Origens da universidade brasileira*. Quim Nova. Vol 30 No. 7 1780 – 1790. 2007

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nolsa Godoy. *Infância, Mídia e aprendizagem: autodidaxia e colaboração*. Disponível em <[HTTP://w.w.w.cedes.unicamp.br](http://w.w.w.cedes.unicamp.br)>

CARBONELL, Jaume. *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

CAPÍTULO 3



MULTICULTURALISMO: DIÁLOGOS SOBRE UMA EDUCAÇÃO LÍQUIDA NO SÉCULO XXI

Arceloni Neusa Volpato

Letícia Toniete Izepe Bisconcim

Simone Regina Dias

Wellington Júnior Jorge

INTRODUÇÃO

A escola, a educação, a pedagogia e toda a estrutura que envolve o ato de educar deve ser pensada e repensada a todo momento, afinal, nossa sociedade está em constante transformação. Assim é a vida líquida em uma sociedade líquida (BAUMAN, 2009). Atentando-nos para essas mudanças fluídas que vêm ocorrendo ao longo dos séculos, podemos dizer que a cultura está se diversificando com mais liberdade e autonomia. A cultura compõe a sociedade. Essas alterações, em movimento constante, impõem novas rotinas e hábitos às pessoas que nela transitam. São várias as formas de manifestação cultural, e a instituição escolar tem um papel fundamental neste processo, pois dentre as várias funções da escola está a socialização, como uma das mais relevantes. Vários pensadores presentes em nossa literatura refletem sobre essas questões que cercam a diversidade cultural e, desse modo, entender esses conceitos é fundamental para que se tenha uma sociedade na qual haja respeito à diferença do outro.

Vivemos em um mundo sem distâncias, no qual a tecnologia aproxima pessoas *on time*, em uma pluralidade de formas. Ela dá suporte para trazer tudo para o aqui e agora, bastando um clique para estarmos conectados com o mundo. Somos, hoje, membros de uma sociedade que respira e vive a interação virtual, uma sociedade que a todo momento está encharcada de dados, movendo-se em busca de mais informações, conhecimento e interatividade. Nesse contexto, precisamos entender o papel da escola na construção do conhecimento frente a toda essa fluidez, que ocorre e escorre se realinhando, a fim de compreender como ela pode contribuir de maneira prática, teórica e reflexiva.

Essas transformações que perpassam a educação podem ser consideradas uma adaptação do meio, que se adequa preenchendo um ambiente com a mesma facilidade com que se esvazia, surgindo outras e novas formas. Partindo dessas mudanças que ocorrem de forma acelerada, se manter fechado para novos conhecimentos e culturas nos deixará fechados para o diálogo. Com isso, o processo educativo vem acompanhando esse cenário fluído e inconstante. A velocidade com que as informações e acontecimentos se movem faz com que a escola acompanhe esse processo de forma a respeitar e compreender a diversidade que está presente em seu ambiente.

Nesse sentido, as questões culturais não podem ser mais ignoradas, é necessário proporcionar espaços que favoreçam a consciência coletiva e a identidade. Logo, as diferenças precisam ser colocadas em pauta por toda a sociedade, para que assim as questões sociais, culturais, econômicas e políticas sejam entendidas no seu tempo, já que a escolarização e o ensino podem ser considerados formas mais comuns de reconhecimento do outro e suas práticas pedagógicas precisam estar atreladas a todo esse contexto.

Sendo assim, um dos grandes desafios da educação, e consequentemente dos problemas que precisam ser pensados, é o currículo. É através dele que as diversidades se materializam na sala de aula, desde as séries iniciais até o ensino superior. De fato, todos carregam sua identidade, e é através das diferenças que conseguimos nos reconhecer. As pessoas são excluídas do seu espaço de fala por não compartilharem o mesmo padrão que é imposto em toda sociedade. Todos nós dependemos uns dos outros e nossas culturas não podem ser separadas das nossas relações sociais. As diferenças vivem e convivem nos mesmos espaços. Respeitá-las é um ato de humanidade, considerando ser esta, uma luta cotidiana. É justamente isso que se torna um grande desafio para a educação no século XXI, ou seja, a relação com a alteridade.

Não podemos encarar o outro anulando sua cultura e seus conhecimentos, como também não podemos oprimir o sujeito que busca espaço na sociedade. As reformas educacionais precisam dar vez e voz para todos que a ela pertencem. A educação deve ser o agente responsável por essa mudança, pois caso a instituição escola, seus gestores e os professores não consigam se organizar para lidar de forma adequada com essas diversidades, propostas que pretendiam ser democratizantes podem se tornar, ao contrário, instrumentos de discriminação e formas de dominação.

DIVERSIDADE CULTURAL E O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Sempre fomos marcados, no decorrer de nossa história, pela eliminação do “outro”, e quando partimos deste entendimento, damos início a um processo de exclusão de tudo aquilo que nos difere. As representações que temos das pessoas que estão ao nosso redor poderão ser determinadas por conceitos e pré-conceitos do nosso

entendimento de mundo, já que temos estipuladas em nossa cultura, certas imagens do que é homem, mulher, negro, branco, indígena ou qualquer outra classificação que sirva para diferenciar - e rotular - quem nos cerca. Devemos, porém, levar em consideração que essa construção social, padronizante, que adquirimos ao longo dos anos faz parte de um processo de aprendizagem, tendo em vista o que vivenciamos em nossas relações sociais e aprendemos sobre o que é igual ou diferente do “eu”.

De acordo com Candau (2012), temos uma formação voltada para a eliminação do diferente. Primeiro foram com os índios, negros, imigrantes, mestiços, pobres, gays, e como que em uma lista contínua, a todo momento procuramos nos afastar daquilo que é considerado diferente. Isso acontece no bairro, na escola, na universidade, nas igrejas, nos shoppings, até dentro das famílias.

O objetivo da escola é desconstruir todas essas questões e mostrar que as diferenças são necessárias, pois é através dela que temos a oportunidade de presenciar culturas e conhecimentos diferentes. É necessário deixar de lado a cultura escolar dominante (hegemônica) vigente ainda em nossos dias, como descontinuar fortemente a homogeneização e a uniformização dentro da sala de aula. Dar fluidez.

A problemática da educação escolar está na ordem do dia e abarca diferentes dimensões: universalização da escolarização, qualidade da educação, projetos políticos-pedagógicos, dinâmica interna das escolas, concepções curriculares, relações com a comunidade, função social da escola, indisciplina e violência escolares, processos de avaliação no plano institucional e nacional, formação de professores/as, entre outras (CANDAU, 2012, p. 13).

Precisamos trazer à tona a problematização que a educação proporciona, inserir diferentes dimensões de várias questões que segregam a sociedade. A escola precisa colocar em prática sua verdadeira função social, afinal, as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores/as, sob o risco de que a instituição escolar cada vez mais se distancie das diferenças que estão cada dia mais presentes em nossa sociedade (CANDAUI, 2013). No âmbito dessas questões pedagógicas procura-se levar em consideração o currículo escolar, pois é através dele que pessoas são segregadas do meio social. Não podemos ver o currículo como algo inocente e neutro, afinal ele tem implicância direta nas relações de poder e, portanto, se faz necessário o combate a essa homogeneização. Dessa forma, precisamos a todo momento pensar e repensar a educação e entender quais questões devem ser debatidas, para que todos tenham espaço na sala de aula e que a escola não atue como uma instituição que segregue os grupos e os povos, mas que, faça o contrário, que tenha fluidez.

A estrutura educacional como um todo precisa buscar unir as pessoas, e contribuir de modo a ser fator fundamental na sociedade. Todos temos nossa identidade e trazemos junto todas as nossas experiências de vida; claro que a escola não pode trabalhar sozinha nesses problemas, precisamos de uma família atuante e de um Estado que procure através de políticas públicas implementar o seu papel, garantindo o direito frente ao princípio de que todos são iguais perante a lei. Nesse cenário, é premente a existência de professores que não enxergam os alunos de forma monocromática, cujos currículos estejam adequados respeitando as diferenças, que trazem presente os temas transversais no cotidiano escolar e que os programas de formação docente levem essas questões que envolvem o respeito ao “outro”.

Caso as escolas e os professores não consigam se organizar para lidar de forma adequada com essa diversidade, propostas que se pretendiam democratizantes podem se tornar, ao contrário, instrumentos de discriminação, reduzindo ainda mais as efetivas possibilidades de acesso de muitos alunos ao conhecimento elaborado e as processos de aprendizagem formal que deveriam ser proporcionados pela escola (CANDAUI, 2012, p. 75).

De fato, a escola sempre estará a serviço de uma sociedade que está em contínua fluidez e a ela caberá transmitir às gerações futuras os conhecimentos historicamente construídos, aos professores caberá a função de conscientizar-se de seu grande papel, fazer com que os alunos e cidadãos de apropriem dos conhecimentos adquiridos e se tornem cada mais humanos.

De acordo com Felipe e França (2012, p. 195),

[...] reconhecer a diferença é questionar os conceitos homogêneos, estáveis e permanentes que excluem o diferente de certo padrão estabelecido socialmente. Dessa maneira, trabalhar em uma perspectiva do currículo, enquanto artefato cultural, demanda que as certezas que foram socialmente construídas sejam fragilizadas e desvanecidas. Para tanto, é preciso desconstruir, pluralizar, ressignificar, reinventar identidades e subjetividades, saberes, valores, convicções, horizontes de sentidos.

Quando trazemos a diversidade para sala de aula estamos dando espaço a todos os grupos que compõem a sociedade. Essa proposta é fundamental para conhecermos de perto o que o “outro” sente e vive diariamente. A diversidade cultural está presente em todos os lugares e a escola precisa tomar partido neste processo,

precisamos respeitar o “outro” independentemente da sua diferença, precisamos ressignificar os nossos conceitos e legitimar todos os grupos e povos que fazem parte da nossa sociedade, desconstruindo o que nos foi imposto e reconhecendo toda a diversidade presente em nossa sociedade.

AÇÕES AFIRMATIVAS COMO POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO DO “OUTRO”

Conforme visto até aqui, podemos dizer que vivemos em uma sociedade multicultural representada por diversos grupos que manifestam sua cultura independentemente de raça ou de etnia. Algumas manifestações, porém, são mais legitimadas do que as outras, ou seja, a cultura do “outro” fica invisibilizada frente à cultura hegemônica clássica: branco, cristão e hétero; vista assim como o padrão a ser seguido. De fato, a desigualdade social está presente em nosso meio e não podemos segregar para combater essas ações. O Estado, ou em alguns casos a iniciativa privada, criaram medidas para reduzir e/ou eliminar as diferenças, e tais medidas são denominadas *Ações Afirmativas*.

Ações Afirmativas são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural.

Entre as medidas que podemos classificar como ações afirmativas podemos mencionar: incremento da contratação e promoção de membros de grupos discriminados no emprego e na educação por via de

metas, cotas, bônus ou fundos de estímulo; bolsas de estudo; empréstimos e preferência em contratos públicos; determinação de metas ou cotas mínimas de participação na mídia, na política e outros âmbitos; reparações financeiras; distribuição de terras e habitação; medidas de proteção a estilos de vida ameaçados; e políticas de valorização identitária⁴.

Dessa forma, as Ações Afirmativas vêm para contribuir com os grupos desfavorecidos, os inviabilizados, para que tenham acesso à educação, à cultura, à moradia, à saúde ou qualquer outro instrumento que contribua para a inserção na sociedade. Essas discussões precisam ser problematizadas, questionadas, fluídas, por vários setores da sociedade. Discuti-las é entender que a sociedade brasileira foi organizada em um formato, em escalas, nas quais poucas pessoas conseguem ter acesso ao ensino superior, à casa própria, a trabalho e profissões que oportunizem uma boa condição financeira, ou qualquer outro benefício que dê condições de as pessoas viverem com dignidade.

Os “outros”, os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de apartação social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados iguais têm acesso (CANDAU, 2013, p. 31).

⁴ O que são Ações Afirmativas. Link: <http://gema.iesp.uerj.br/o-que-sao-acoes-afirmativas/>. Acesso em: 19 nov. 2018.

As Ações Afirmativas e o reconhecimento do “outro” são fundamentais para uma educação que respeite a diversidade cultural, a construção do outro. A escola é um dos lugares que se torna palco privilegiado para a construção da alteridade – ou para a invisibilidade. Esse combate, ou desconstrução, precisa ser feito diariamente, através de leituras, discussões, problematizações, vivências e vivências contributivas. São várias as formas que podem ser realizadas em sala de aula, inúmeras atividades instigadoras para esta temática, dentre elas, reportagens, entrevistas, cenas de novelas, documentários, produções cinematográficas, cenas do cotidiano que circulam nas redes sociais, enfim, a variedade de opções para se trabalhar essas questões em sala de aula é muito grande.

CINEMA COMO FORMADOR DE IDENTIDADE LÍQUIDA

A identidade é uma marcação feita pelo próprio sujeito, para assim ter condições plenas de se localizar na sociedade em que ele vive. A partir do momento que é estabelecida uma identidade, tudo aquilo que você não é, servirá de parâmetro para estabelecer sua diferença com o outro. Ao mesmo tempo que a identidade é construída, ela tem a total condição de se destruir ou até mesmo de reconstruir esta identidade, desta forma, “a identidade é marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2014, p. 9), estes mesmos símbolos são capazes de dizer o que somos e o que nos difere do outro.

Vivemos em uma sociedade na qual somos rotulados por todos os sujeitos que nos cercam, de acordo com clichês vigentes. Aquilo que somos, ou o que não somos, é atribuição incorporada de forma natural, portanto adquirida, sem críticas, pelos grupos ao nosso redor. Os ambientes, todavia, no qual nos encontramos podem ser diferentes em outros locais, do mesmo modo quando uma pessoa nos é apresentada. Estabelecemos conceitos - rótulos – diante do nosso

primeiro impacto ao nos relacionarmos. Todos esses atributos são estabelecidos por nós, decorrentes de uma concepção imediata, baseados em preconceções e expectativas que temos sobre o outro. A partir do momento que os laços políticos e sociais vão se firmando, esses rótulos serão referendados ou excluídos.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social". (GOFFMAN, 2004, p. 5).

Woodward (2014) trata a identidade como uma construção do sujeito, podendo ser estabelecida tanto na questão simbólica como no social. Como a própria autora explica "(...) a identidade é marcada pela diferença (...)" (p.11), ou seja, essa busca para firmar seu eu, que pode ser trazida nas relações atuais, ou, a busca histórica, supostamente perdida. Dessa forma, como estabelece a autora, a identidade não é estática, em contrapartida, passa por mudanças, conforme o indivíduo se estabelece no meio em que vive e os significados que o cercam, podendo citar como exemplo a consideração de Woodward (2014, p. 19) de que "(...) a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis (...)"

Algumas das formas de firmar sua identidade e simultaneamente sua diferença são as representações simbólicas e

sociais, como já discutido; entretanto, algumas instituições sociais, presentes na vida do indivíduo, estimulam esse auto reconhecimento, podendo citar como exemplo a escola. Tomaz Tadeu da Silva (2014) apresenta características marcantes nas atribuições de sentidos simbólicos e nas disputas que marcam o sujeito. Como o próprio autor afirma, a identidade não é fixa, nem homogênea, a uma diversidade cultural presente na sociedade, assim, “(...) a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (SILVA, 2014, p. 96).

Dentre as construções de identidade do sujeito presentes na sociedade, podemos citar o cinema, já que o mesmo tem condições de interpelar o indivíduo ativando assim sua imaginação, sua percepção e os estímulos audiovisuais que o cinema produz. Embora que de maneira subjetiva, na forma que cada sujeito é interpelado, é descartada a influência que as produções cinematográficas causa nas pessoas, já que nos filmes são apresentadas diversas formas de significado e símbolos, assim, “(...) a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2014, p. 19).

As práticas culturais são produzidas e reproduzidas numa variedade de locais sociais, e o peso de sua “gravidade social” se manifesta na forma como elas estão inscritas no corpo, como movem as pessoas à ação e colocam limites à gama de possibilidades através das quais os indivíduos negociam suas identidades e seu sentido de agência social (GIROUX, 2013, p. 132).

Giroux (2013) exemplifica que as práticas culturais estabelecidas têm plenas condições de se descolar facilmente, ou seja, as identidades são estabelecidas de acordo com os sentidos

apresentados naquele contexto. Os aparatos que cercam o sujeito, se não forem conduzidos de uma forma a proporcionar as variáveis, acabam sendo locados de uma única forma, ou por uma esfera hegemônica. A cultura hegemônica ao querer se manter no poder, organiza as mais variadas formas de aparatos que os mantenham no poder, interpelando assim, a formação de identidade do sujeito.

A maneira como a escola propõe e trabalha os mais variados assuntos e conteúdos deve ser vista com cautela, já que aquilo que é exposto para o aluno, tem plenas condições de afirmar sua identidade ou diferença. “A cada momento histórico, o sujeito, à medida que participa das transformações, também é transformado por elas” (SILVA, 2012, p. 68). Essas transformações são apresentadas através dos artefatos culturais presentes na escola.

Ao indivíduo é oferecido um grande leque de opções, até mesmo de identidade. O mercado está à disposição para que o consumidor possa compor e recompor a identidade que desejar, no momento e por quanto tempo desejar (SILVA, 2012, p. 14).

O cinema como um artefato cultural constitui-se uma das mais variadas formas de emoção, através dele o sujeito tem como sonhar, desejar, suprir suas necessidades, ter medo, se ver triste ou alegre, abandonado, protegido, ou seja, as produções cinematográficas têm plenas condições de envolver o indivíduo. A satisfação pessoal diante de um filme é logo superada por outro e logo virão novas e outras necessidades se estabelecem. Cada filme, com suas características e especificidades, vai evidenciando o cotidiano do indivíduo, como já apontara Silva (2012):

O cinema (o filme) é como uma obra aberta, capaz de possibilitar múltiplas interpretações criadoras e que, a todo momento, apresenta brechas que levam o sujeito a

se deparar com os paradoxos existentes. O mal-estar que o cinema produz no telespectador ao despertá-lo é que as semelhanças só existem porque as diferenças estão presentes (SILVA, 2012, p. 18).

Em meio a tantos valores que o cinema produz e pode produzir, cabe aos indivíduos analisarem o que faz parte de si ou não. Por sermos repletos de símbolos culturais, nossa identidade vai se firmando sobre o que nos é exposto, assim, a cultura condiciona as ações do sujeito, direcionando o que somos ou não. O ser humano ao estar inserido nos grupos sociais, inviabiliza o não pertencimento a uma cultura, já que "(...) a cultura não é algo sobre ou além do sujeito; ela se dá a partir dele" (SILVA, 2012, p. 22).

A escola por fazer parte da construção da identidade do sujeito, tem que possibilitar o direito ao acesso as mais variadas formas culturais. Assim, ela precisa lidar e compreender a diversidade cultural. A cultura não é singular e fixa, ela está em plena construção e não apenas em um sujeito, mas em todos os que a compõem. A instituição escolar não pode se manter isenta na construção e desconstrução de estereótipos, se faz necessário que toda cultura seja visibilizada e que não seja vista como superior ou inferior. O reconhecimento das identidades e logo das diferenças de cada sujeito deve ser posicionado da mesma forma e um dos artefatos culturais que contribuem para a luta na desconstrução de estereótipos é o cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar. Transformar. Fluir.

As realizações das pessoas não podem se solidificar decorrentes de padrões estabelecidos, aceitos e vigentes classicamente. Família e Escola devem estar alinhadas e cientes de seu

papel na educação e transformação para uma vida melhor, de harmonia e paz. A educação precisa estar alinhada à constante alteração planetária que é de contínua mutabilidade, talvez não percebida devido ao curto ciclo de vida que os humanos têm no planeta. Mas a mudança está aí.

A Escola tem mantido o papel de instituição que propaga a construção de conhecimento, até o momento ela norteia sua prática pelo currículo estabelecido. E este currículo, por sua vez, tem se mantido estático ao longo dos séculos, preservando cultura e relações e o conhecimento compartimentalizado e a hegemonia dos padrões estabelecidos. Ora, novos ventos sopram. Temos novas concepções sobre o papel da escola, sobre o aluno, sobre o professor, sobre o ensinar e o aprender. Desta forma, o currículo fossilizado já não suporta as novas tendências, as novas ideias, as novas tecnologias, os processos de manutenção de *status quo*. Novas ações são necessárias para implementar novos comportamentos multiculturais, pensando e percebendo o ser humano no seu todo, em harmonia de relação consigo mesmo, com o outro e com o metafísico, na sua total complexidade. É necessário esquecer ciclicamente o que se aprende e refazer o conhecimento cotidianamente. Descartar virou uma palavra de ordem, abrir espaço para o novo. O conhecimento é descartável, bom apenas até segunda ordem e só temporariamente útil; e que a garantia do sucesso é não descuidar do momento em que o conhecimento adquirido não tem mais utilidade e precisa ser jogado fora, esquecido e substituído (BAUMAN, 2009).

Que a vida como deve ser deixe as telas do cinema e venha para a vida real.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FELIPE, Delton A.; FRANÇA, Fabiane F. A diversidade na educação escolar: O currículo como artefato cultura. Rosângela Célia Faustino e Lúcio Tadeu Mota (Org.). **Cultura e diversidade cultural: questões para educação**. Maringá: Eduem, 2012.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em educação. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 85-103.

GOFFMAN, Erving. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1988. Cap. I

Estigma e identidade social. Disponível em:

<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/308878/mod_resource/content/1/Goffman%20%20Estigma.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CAPÍTULO 4



IMPACTO DAS REDES SOCIAIS: ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

Alexandra Valone

Denise Simões Dupont Bernini

Joubert Silveira Ribeiro

Laysa Zampiroli Liduino

INTRODUÇÃO

O surgimento e rápida evolução de novas tecnologias de informação e comunicação - TIC, em especial da *internet*, tem provocado muitas mudanças no comportamento das pessoas de forma geral.

O número de usuários com acesso à *web* vem crescendo de forma exponencial, conforme relatório apresentado último relatório *Digital in 2018*, divulgado pelos serviços online *Hootsuite e We Are Social*, com uma estimativa da ONU, de mais de 7,6 bilhões de seres humanos na população global, mais de 4 bilhões de pessoas estão conectadas à rede (53% de todas as pessoas do planeta), e deste total mais de 3 bilhões (42% da população) foi classificada como ativas nas redes sociais com uma média de 6 horas diárias.

Com estes dados percebe-se que o meio digital tornou-se parte essencial da vida cotidiana para a maioria de nós. Este recurso é usado em quase todos os aspectos na vida, quer seja para conversar com amigos, diversão, compras, educação, saúde e outros. (KEMP, 2018)

Esta realidade é parte da chamada modernidade líquida, que vem provocando inúmeras mudanças em todas as áreas da sociedade, incluindo na essência educacional e seu público (gestores, professores e estudantes).

Neste panorama de mudanças o ensino deverá adaptar-se proporcionando um ambiente instigante, desafiador, motivador, inovador, provocador, dinâmico e participativo. Assim, este estudo busca conhecer alguns os hábitos de um grupo de estudantes do ensino superior, suas relações com os meios sociais digitais e a educação.

PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM

Diferentes estudos mostram a influência da evolução tecnológica nos mecanismos educativos, dentre eles é possível citar: A escola Tradicional; O movimento da Escola Nova; A escola Tecnicista; e o Construtivismo e por fim os impactos da sociedade da informação. (BERNINI, 2009) Os focos do ensino ao longo do tempo passaram do professor para a tecnologia e por fim para o estudante.

Durante todo o processo todos são diretamente influenciados por fatores sociais, políticos, econômicos além dos avanços tecnológicos. Ao longo da história da educação é possível observar as mudanças no processo de ensino e aprendizagem desde como aquele em que o professor seria o detentor do conhecimento e o transmitia privilegiando a quantidade de informação ao invés da qualidade.

Atualmente os alunos são mais críticos e tem acesso ilimitado à informação e os professores por sua vez têm recursos ilimitados, mas já não são mais vistos como detentores do conhecimento e sim como mediadores do saber. Segundo Fraz (2013),

o professor, nesse contexto, deve ter em mente a necessidade de se colocar em uma postura de mediador do processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que sua prática pedagógica em sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seu aluno, podendo ele ser o foco de crescimento ou de introspecção do mesmo quando da sua aplicação metodológica na condução da aprendizagem.

O desafio sempre será desenvolver uma prática pedagógica capaz de acompanhar as rápidas transformações que resultam dos avanços tecnológicos. Para isso, é preciso entender a realidade, rever o aprendizado e reconstruí-lo a partir do cotidiano em sala de aula. Para Froes e Pires (2008), a prática de uma pedagogia flexível busca fortalecer a autonomia do estudante em relação à construção de conhecimento e incentiva o trabalho em grupo, a participação dos estudantes

nas decisões sobre os processos de aprendizagem e, a diversificação das atividades de ensino. A mudança no processo de ensino-aprendizagem depende de diversos fatores sendo o principal a mudança de postura tanto do professor quanto do aluno, além das instituições inserindo ferramentas de ensino de interesse de todos. As redes sociais representam uma parte dessas ferramentas que se encontram disponíveis para auxiliar na prática dessa pedagogia.

USO DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR

A relação da educação com a tecnologia passa pela mediação da história social e das relações de trabalho. A cibercultura criou um diferencial no processo educativo no que tange a leitura, fala, pensamento e interpretação, deu origem ao sistema denominado Educomunicação que envolve processos, estratégias, planejamento, implementação e avaliação de “processos, programas e produtos para criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos” (SOARES, 2006, p.6).

Na relação educação e tecnologia, segundo Coelho (2003, p.190), educação precisa “reconhecer as vantagens e limites, procurar desenvolver projetos pedagógicos que oportunizem aos alunos uma interação mais ativa e crítica com os meios de comunicação e as novas tecnologias”. É preciso, ainda, recuperar o prazer ficcional em meio ao universo

dominado pela enorme quantidade de informações, pela aceleração impressa pela tecnologia.

Por definição, as redes sociais, segundo Maciel (2012, p.45) são “sistemas de informação *web* que se tem desenvolvido amplamente, nos quais muitas pessoas se relacionam e trocam informações, de diferentes partes do mundo”.

Quando se associa as redes sociais à educação a distância, pode-se destacar que este processo ampliou o acesso ao ensino superior e nesta modalidade de formação, a tecnologia é a ferramenta básica. Torres e Wagner (2012, p.16) afirmam que o *Facebook* pode ser utilizado como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem formal “por reunir diferentes tipos de mídias em um único ambiente, possibilita e oportuniza a aprendizagem colaborativa, interatividade e possibilidades pedagógicas que levam ao aprender a aprender”.

Como rede social de compartilhamento e mecanismo da educação à distância, o *Youtube* segundo Hilux (2011, p.45) “possibilita divulgar vídeos em atividades educacionais, facilita a compreensão do tema com imagens, amplia conceitos, acesso aos produtos de pesquisa com material midiático, enriquece as aulas presenciais” e no ambiente *online*, professor e alunos podem produzir vídeos, alunos podem registrar o progresso dos alunos em atividades e resoluções de problemas, participação de grupos dedicados a determinados temas.

REDES SOCIAIS: CONCEITOS E TIPOS

As redes sociais são ambientes nos quais as pessoas se inserem para socializar, trocar ideias, estabelecer relacionamentos. São várias as definições de redes sociais. As redes sociais são estrutura de “entidades conectadas umas com as outras através de um ou mais tipos específicos de interdependências, tais como amizade, parentesco, interesse em comum, troca financeira, empatia, ou relações de crenças, conhecimento ou prestígio” (TELES, 2013, p. 52).

As redes sociais são caracterizadas pela popularidade, sendo as mais importantes e com maior poder de penetração e influência virtual o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp*. Mas ainda há o *Twitter* e o *Youtube* que auxiliam nas relações e integração social e, ainda, no ambiente da educação.

O *Facebook* surgiu em 2004 e tornou popular em 2006 junto a grande massa. Criado de forma restrita por estudantes da Harvard, em 2005, expandiu para escolas de ensino médio, em seguida para profissionais e redes corporativas. “O seu diferencial é a sua API, que possibilitava aos usuários desenvolver aplicações próprias e embutir na rede social” (OLIVEIRA, 2011, p. 5).

O *Facebook*, na definição de Teles (20013), é uma rede social de relacionamentos, ou seja, uma página na *web* que possibilita aos usuários criar um perfil e trocar informações entre si, bem como divulgar conteúdos diferenciados e imagens.

Por ser uma ferramenta de interação, o *Facebook* constitui um mecanismo pedagógico de grande potencialidade “educativa e comunicacional que emerge no ciberespaço,

possibilita o professor usar diferentes metodologias para incentivar e motivar o estudante no seu processo de aprendizagem” (TORRES; WAGNER; 2012, p. 13).

Youtube

Quanto a definição de *Youtube*, de acordo com Hilu (2011, p.45) “é uma rede social de compartilhamento de vídeos por meio de uma página na web”.

A sua principal característica é o compartilhamento de arquivos em formato digital. Outra ferramenta é o *YouTube Streams*, possibilita assistir e discutir em chat, em tempo real, um vídeo em grupo. A “ferramenta *Insight* permite que um usuário confira informações quais vídeos e quem os está assistindo” (HILU, 2011, p. 42).

WhatsApp

Surgiu em 2009, enquanto mídia e rede social possibilita, por meio de dispositivos móveis, conversas instantâneas. É uma das redes sociais mais utilizada e popular, além de estar, cada vez mais, se caracterizando potencialmente em uma das grandes mídias sociais. Por definição, *WhatsApp* constitui uma “multiplataforma de mensagens instantâneas e de voz, revolucionou como as pessoas se relacionam e compartilham conteúdos, gera resultados, é preciso acompanhar e usufruir do aplicativo como estratégia de mídia comum” (MORAIS, 2016, p.7).

Twitter

O *Twitter*, segundo definição de Xavier (2011, p.5) “é uma rede de relacionamento que trouxe o conceito de *microblogging*, no qual os usuários conectados entre si, enviam e recebem atualizações pessoais com seus seguidores, em textos de até 140 caracteres”.

A Rede social foi lançada em 2006, por Jack Dorsey, este *microblog* como recurso didático fornece “um espaço informal para facilitar a aprendizagem, melhorar o envolvimento com o conteúdo, disseminar conhecimento, colaborar em aprendizagem prática ou baseada em problemas e reforçar o aprendizado, ou seja, uma área para reflexão” (MATARAS, 2012, p. 87).

Instagram

Outra rede social de relacionamento é o *Instagram*, segundo Torres e Wagner (2018) é um aplicativo de compartilhamento fotos e/ou vídeos.

A utilização do *Instagram* em práticas pedagógicas contribui para o desenvolvimento de conhecimento no “processo de ensino e aprendizagem, incentiva a compreensão e produção de textos curtos e redefiniu os papéis de aluno e professor, os aprendentes passaram a criar as suas ideias para as atividades escritas, demonstrando a formação de autonomia do aluno” (COLL; MONEREO, 2010, p. 5).

MUDANÇAS COM O USO DAS REDES SOCIAIS

As novas tecnologias promoveram mudanças substanciais na vida e cotidiano das pessoas, no ambiente e nas relações de trabalho, pessoais e comerciais, no comportamento social e na educação. As redes sociais fazem parte e contribuíram significativamente com este processo.

Pode-se considerar como fatores das mudanças o amplo acesso que as novas tecnologias possibilitam, pelas redes sociais, às informações de todos os tipos, econômica, sociais, políticas, religiosas, incluindo as de caráter pessoal, sentimental, familiar, enfim, as transformações que ocorrem na contemporaneidade. As redes sociais tornaram mais perceptíveis as diferenças étnicas, raciais, abriram a discussão sobre gêneros, identidade sexual, etc. As redes sociais permitem que o usuário seja quem ele deseja ser: pacífico, agressivo, preconceituoso etc. Mas não é imune a punições (CHARLESWORTH, 2010).

No campo educacional, linha de discussão deste trabalho, muitas mudanças ocorreram a partir da facilidade e amplo acesso às redes sociais. Segundo Amaral (2004, p. 40), uma das mudanças mais perceptíveis é a tela do computador ocupou, na maioria das escolas, o espaço do quadro negro, pois o objetivo da tecnologia deve “desenvolver competência nos alunos, de forma que, os conteúdos trabalhados sejam significativos socialmente e provoquem mudanças individuais e coletivas”.

Socialmente, as mudanças geradas pelas redes sociais, de acordo com Behrens et al. (2011, p. 68), foram as mudanças sociais que influenciam a educação, “o processo de mudança

paradigmática atinge todas as instituições e em especial a educação e o ensino nos diversos níveis, inclusive e principalmente nas universidades”.

DEPENDÊNCIA DO SER HUMANO NAS REDES SOCIAIS

O ser humano busca o acesso às redes sociais, via internet, por várias razões. O contato inicial pode ser assustador, mas ao integrar ao sistema, muitas pessoas passam a ser dependentes dos espaços virtuais. Essa dependência, é preciso esclarecer, tem como principal fonte a internet, por ser o veículo que possibilita o acesso e permite ao usuário escolher aquele de sua preferência (SÁ, 2012).

O espaço virtual é o ambiente no qual o ser humano expõe, na maioria das vezes, livre e anonimamente, seus ideais profissionais, de vida, de ascensão social.

O ciberespaço segundo Young e Abreu (2011, p. 7) é um espaço não físico ou territorial, composto de “por redes de computadores através das quais todas as informações circulam, ruptura com o sentido único e com as identidades fixas, bom senso e senso comum, o sentido é sempre um acontecimento da ordem da ciência, técnica, ação, cultura e do pensamento”.

O ciberespaço é um ambiente de exposição de sentimentos positivos e negativos, de lançamento das conquistas (verdadeiras ou não), de cobranças comportamentos, prejulgamentos, dispensação da baixa autoestima, fracassos sentimentais, problemas pessoais –

casamento, morte, divórcio, questões trabalhistas, etc. (YOUNG; ABREU, 2011).

A liberdade de expor o que agrada e incomoda, de criticar, levantar debates, criar conflitos, se mostrar virtualmente, caminho alternativo que a internet e as redes sociais possibilitam. Isto leva à dependência e em muitos casos, requer tratamento pois é um tipo de vício que segundo Sá (2012, p. 7) causa “intenso sofrimento na vida pessoal e profissional do indivíduo [...] pode causar prejuízos à vida afetiva, fazendo com que não consiga o indivíduo não consiga se desligar do mundo virtual”.

Complementando, Silva et al. (2011) pondera que a dependência da internet contribui para o “isolamento social, dificuldades no estabelecimento de um relacionamento [...] pode trazer prejuízos na vida do indivíduo em diversas esferas de sua vida, seja em casa ou no trabalho, quando se torna um comportamento compulsivo”.

Há dependes do *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *WhatsApp*, sites de relacionamentos pessoais. Efetivamente, a dependência está diretamente associada à internet, pois sem este recurso, o ser humano não alcança as redes sociais.

USO DA REDE SOCIAL: *SECOND LIFE*

As redes sociais, cada vez mais, se tornam um elemento atrativo e indispensável às pessoas. Nas palavras de Bruno (2010, p. 180), as redes “indicam conexões, links que integram, ligam temas, assuntos, olhares, ideias, conceitos, políticas,

grupos de pessoas que possuem algo em comum. São comunidades que buscam algo parecido” (p. 177).

O *Second Life*, uma comunidade virtual em 3D, criada em 2003, por Philip Rosedale, ainda faz parte das redes sociais, mas com menor popularidade entre os usuários, apesar de suas diferentes utilidades e aplicações. A proposta do *Second Life* segundo Valente e Mattar (2007, p. 56) afirmam se tratar de um programa que utiliza “especialmente os avanços dos recursos e tecnologias presentes nas interfaces em duas dimensões, aquelas com o uso do mouse, que permitiram que tivéssemos acesso pleno a toda a tela, e a qualquer ponto dela”.

O acesso ao *Second Life* é gratuito para a criação do avatar, objetos e interação. Mas, se o usuário deseja adquirir um terreno, ter o próprio negócio, mercadorias e serviços terá de assinar uma conta paga ou do contrário dispor de muito esforço e trabalho para obter L\$300,00 (moeda *Second Life*) no próprio jogo. O avanço tecnológico em 3D possibilitou o aprimoramento do *Second Life* e permitiu aos residentes, ou seja, aos usuários que o habitam, “vivenciar diversas experiências, desde a criação de avatares, com a representação da forma humana, até viagens a diferentes ilhas” (VALENTE; MATTAR, 2007, p.56).

Concebido como simulador da vida real, o *Second Life* representa um modelo no ciberespaço no qual os “residentes” criam laços sociais, afetivos e profissionais, divertem-se, constroem e consomem objetos virtuais, empreendem pesquisas e negócios, com efeitos de realidade potencializados pela interatividade por “avatares” (SANTAELLA, 2003, p. 34).

No campo educacional, na perspectiva de formação do sujeito contemporâneo, mediada por tecnologias hipermediáticas, como a do metaverso, *Second Life*, permite novas formas de construção do conhecimento (CORRÊA, 2009, p. 3).

METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser classificada como aplicada, pois buscou gerar conhecimentos sobre o perfil dos alunos de graduação sobre o uso das redes sociais e posterior aplicação prática no desenvolvimento de planos de atividades educativas com uso de redes sociais. (GIL, 2002)

O estudo foi pautado em uma pesquisa exploratória que segundo Gil (2002) são pesquisas que têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Considerou-se nesta pesquisa o uso das redes sociais no ensino superior, e para que houvesse uma melhor compreensão do tema da pesquisa foi realizado um estudo bibliográfico sobre o processo ensino aprendizagem, redes sociais e metodologias ativas e aplicamos um questionário, cujo público alvo foram estudantes de graduação, a fim identificar e descrever o uso das redes sociais por alunos de graduação em sala de aula. (LAKATOS, 2007)

Com relação aos objetivos, pode ser classificada como uma pesquisa quanti/qualitativa, tendo em vista que quantificou os dados coletados através de questionário e em após tratamento estatístico realizou análises com base em referenciais teóricos que versaram do tema.

O questionário foi aplicado online através do *Google forms*, ao total foram 11 questões e 45 convidados a participar e destes 42 estudantes responderam. Cada participante recebeu um link por e-mail que os direcionava ao formulário com as orientações necessárias à sua participação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo foi desenvolvido através da aplicação de um questionário eletrônico, com alunos da graduação de uma faculdade privada do Estado do Espírito Santos entre os meses de Agosto/Setembro. Foi utilizado como ferramenta de aplicação o *Google Forms* que é um serviço gratuito para criação de formulários online que nos permitiu criar um questionário de múltiplas escolhas que possibilitou que cada entrevistado respondesse a pesquisa onde estivesse.

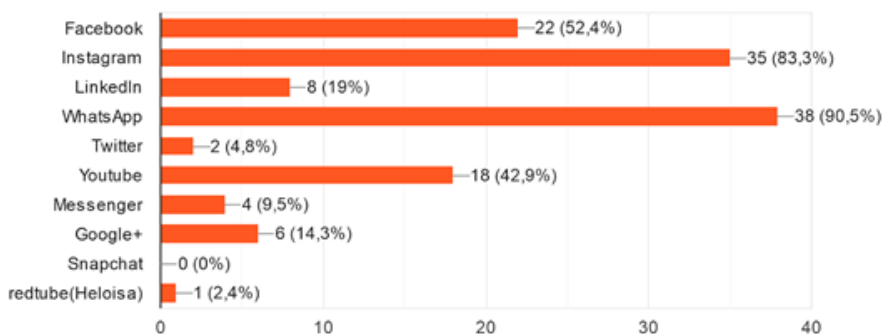
Os acadêmicos receberam um e-mail convite com um *link* que os direcionava ao questionário e no início da pesquisa foi apresentado como termo de consentimento livre e esclarecido as informações: objetivo do estudo, contribuição do entrevistado, confidencialidade e sigilo da sua participação e indicação que a recusa em participar não acarretaria nenhum

prejuízo, ao final da orientação o mesmo respondeu se aceitava participar ou não.

Foram aplicadas 11 perguntas fechadas com objetivo de conhecer os hábitos dos alunos com relação às redes sociais, e levá-lo a reflexão de suas ações. Foram enviados 45 convites e 92,9% aceitaram participar.

Na primeira pergunta os estudantes responderam:
Quais redes sociais você mais utiliza?

Figura 1 – respostas da questão 1

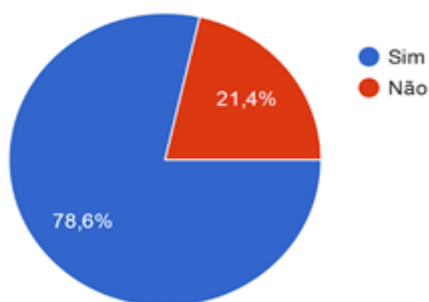


Dentre as 10 (dez) redes sociais apresentadas as mais acessadas pelos alunos foram 90,5% WhatsApp, 83,3% Instagram, 52,4% Facebook. O WhatsApp por se tratar de uma ferramenta de comunicação em tempo real, demonstra a necessidade do aluno manter-se conectado com seus contatos, como se estivesse em um ambiente de conversas, já o Instagram e o Facebook, apesar de oferecerem também ferramentas de comunicação em tempo real, são mais utilizadas para acessar as publicações dos contatos a qual o aluno está conectado.

Quando perguntado sobre o acesso às redes sociais no momento das atividades profissionais, 78,6% disseram que acessam.

Durante o horário em que está exercendo sua atividade profissional você costuma utilizar alguma rede social?

Figura 2 – resposta da questão 2

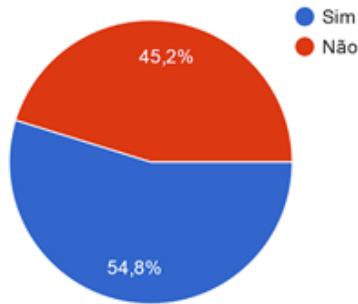


Para esta questão 78% responderam que acessam as redes sociais quando estão trabalhando, mesmo a maioria das empresas manterem políticas de acesso às redes sociais no horário de trabalho, segundo Lima (2012) a tentar burlar os mecanismos de controle com todos os riscos que esse tipo de atitude acarreta como advertências e demissões.

As redes que os estudantes mais acessam nestes momentos são WhatsApp e Instagram. Porém 21,4% afirmam que não fazem uso de redes sociais enquanto trabalham.

Nos momentos de lazer, você deixa de interagir com as pessoas para olhar as redes sociais?

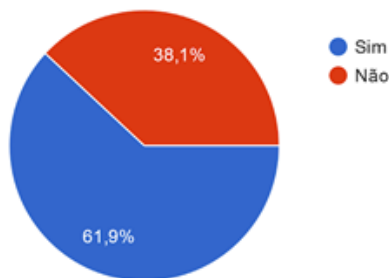
Figura 3 – respostas da questão 3



Já nos momentos de lazer a proporção apresenta mudanças, 54,8% acessam as redes sociais em momentos de descontração enquanto que 45,2% não trocam o momento de interação presencial para olhar rede social. Em comparação com os 78% que acessam no horário de trabalho é menor.

Sente-se incomodado quando impossibilitado de utilizar as redes sociais?

Figura 4 – respostas da questão 4



Nesta questão em que 61,9% dizem sentir-se incomodados quando não podem olhar as redes sociais, este

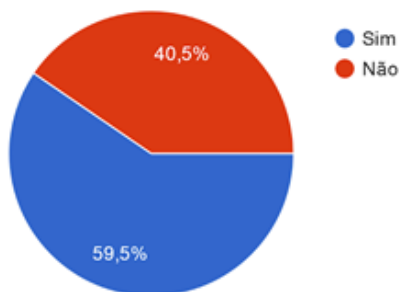
comportamento pode ser apenas um inconveniente para o usuário, porém pode também demonstrar a dificuldade em ter autocontrole para o uso da internet, que podem acarretar prejuízos funcionais e desconforto emocional, ligados ou não a obsessão e/ou compulsão, é designado “dependência de internet”, conforme aponta o estudo realizado por De Oliveira Felizmino (2018). Entretanto, 38,1% dos entrevistados dizem não se incomodar quando não podem acessá-las.

Você costuma ficar nas redes sociais a noite e perder horas de sono devido ao uso contínuo?

28,6% responderam que costumam perder horas de descanso e sono devido ao uso contínuo das redes sociais podendo ser mais um sinal de falta de autocontrole ou dependência da internet (OLIVEIRA FELIZMINO, 2018), e 71,4% que não perdem horas de sono acessando redes sociais.

Quando recebe notificações de aplicativos relacionados as redes sociais, consegue conter a ansiedade de olhar do que se trata?

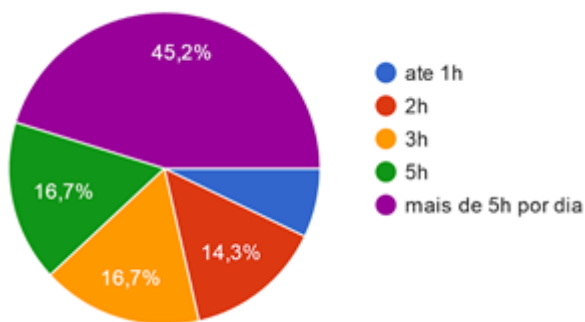
Figura 5 – respostas da questão 5



59,5% responderam que Sim, que contêm a ansiedade quando recebem notificações, entretanto 40,5% são ansiosos no que diz respeito a olhar o celular quando recebem notificações, mais uma vez, este resultado também indica a DE OLIVEIRA FELIZMINO (2018).

Com base nas respostas anteriores, qual tempo médio você costuma utilizar as redes sociais em 1 dia?

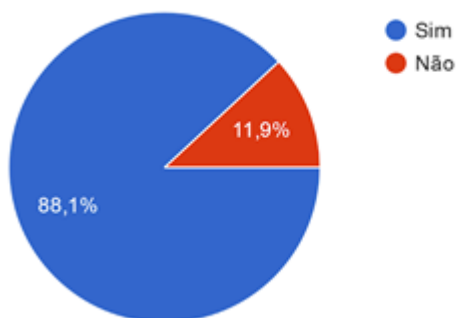
Figura 6 – respostas da questão 6



Para esta os entrevistados tinham 5 opções de respostas em forma de tempo, a que se destacou foi a opção de mais de 5 horas por dia com o total de 45,2% dos entrevistados. Este resultado é similar ao encontrado por Viana (2017) em que mais de 45% ficam mais de 7 horas conectado à rede.

Você utiliza as redes sociais como ferramenta acadêmica?

Figura 7 – respostas da questão 7



Podendo ser encarado de forma positiva, 88,1% responderam acessam as redes sociais para atividades acadêmicas e apenas 11,9% não as utilizam para este fim.

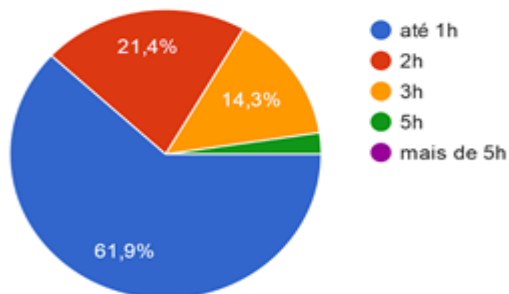
Neste caso, pode-se entender caso o professor inclua o uso de redes sociais com fins educativos, a maior parte dos estudantes estará pré-disposto a participar, como apresentado por Dos Santos (2018).

Com acesso à internet liberado dentro de sala de aula você consegue prender-se ao conteúdo abordado?

Nessa questão pode-se observar que 92,9% dos entrevistados responderam que Sim, conseguem prender-se ao conteúdo abordado mesmo com acesso à internet em sala de aula, enquanto 7,1% dizem não conseguir tal êxito, neste caso da minoria é possível também fazer a relação com o caso de dependência da internet apontado por DE OLIVEIRA FELIZMINO (2018)

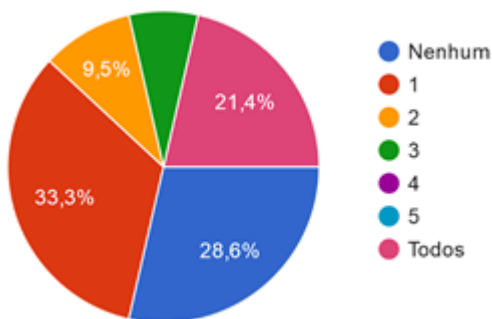
Do tempo que você fica conectado à internet, quanto tempo você dedica para fins acadêmicos?

Figura 8 – respostas da questão 8



61,9% avaliaram que do tempo que utilizam as redes sociais, dedicam até 1h apenas para fins acadêmicos. Quanto de seus professores utilizam as redes sociais como ferramenta de ensino?

Figura 9 – respostas da questão 10



Essa questão visa avaliar se os professores estão utilizando as redes sociais como ferramenta de ensino e se apropriando dela como aliada no processo ensino-aprendizagem, foi possível observar que segundo os entrevistados entre 33,3% que apenas 1 professor faz uso das

redes sociais, 28,6% apontam que 5 de seus professores as utilizam e 21,4% diz que todos as utilizam, nesta questão foi analisado apenas os 3 maiores percentuais.

Conclui-se com as análises das respostas acima que as redes sociais fazem parte do dia a dia de cada entrevistado, mas são subutilizadas enquanto ferramenta acadêmica tanto pelos acadêmicos quanto pelos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estudo nos proporcionou reflexões referentes ao uso e o tempo em que os estudantes permanecem em contato com as mídias sociais. De forma geral os resultados indicam que os alunos na sua grande maioria fazem uso constante das redes sociais, e que a proporção de uso acadêmico poderá ter resultados positivos.

O incentivo de uso para estudos, solução de problemas entre outros pode transformar as redes sociais como mais um aliado ao sucesso do trabalho pedagógico e a construção do conhecimento. Até que ponto seria relevante permanecer em conexão na busca pelo conhecimento e ao mesmo tempo propício às distrações do uso e seus frequentes hábitos. Diante do tema proposto, o tempo de utilização para fins acadêmicos é considerado por muitos algo que ficará sempre em uma porcentagem de tempo muito pequena.

A perda de interesse por temas dentro das salas de aula faz com que o profissional na área da educação tenha base e saiba utilizar a didática utilizando as mídias sociais como uma

ferramenta de auxílio para todos os alunos. O que nem sempre representam o foco do tema abordado.

A necessidade do uso desacerbado precisa ser limitada das salas de aula, porém com todo o avanço novas metodologias precisam ser desenvolvidas para que sejam mais atrativas e assim o discente tenha mais interesse por aulas, com temas relevantes, dinâmicos e práticos que envolvam a atualidade sem deixar que os temas percam a essência do seu conteúdo. O profissional precisa ter domínio do uso de tecnologias e de seu conteúdo para que a necessidade do uso das mídias sociais seja menos relevante que suas aulas.

A facilidade do acesso precisa ser acrescentada da consciência para que isso não abra espaço para desinteresse e seja considerado o conhecimento como o principal objetivo dentro das salas de aula. A interação não pode ser substituída por tecnologia, elas precisam ser aliadas ao processo de ensino e aprendizagem, para isso o papel de mediador na qual o professor assume precisa ser apurado de forma a conciliar as duas formas de adquirir o conhecimento.

Por fim, todo o uso das redes sociais, tal como de outras ferramentas digitais com fins educativos proporcionará maior proximidade do estudante, e por que não dizer do professor também a esta sociedade que vive na modernidade líquida, em constante transformação, que se ajusta aos recursos disponíveis da mesma forma que propõe a adaptação do meio acadêmico tornando a educação também líquida.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, E. F; MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.
- BEHRENS, M.A; ALCANTARA, P.R; TORRES, P.L; MATOS, E.L.M. A prática docente e as mídias educacionais: convergências e divergências, 2007. Disponível em:<<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/572007115855AM.pdf>>. Acesso em ago. 2018.
- BERNINI, Denise S. D.; BOLSONI, E.; SILVA, M. A.; SOUZA, C. H. M. Nova abordagem nas práticas pedagógicas com o uso das nTICs na Educação Superior. In: XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2009, Florianópolis. II Workshop de Modelos Pedagógicos em Educação a Distância, 2009.
- CHARLESWORTH, A. **Revolução Digital**. Editora Publifolha. São Paulo, 2010
- CIEC, Instituto da Educação. Universidade do Minho, 2011. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt>. Acesso em ago. 2018.
- COELHO, C.U.F. As tecnologias da informação e da comunicação e sua influência na mudança do perfil e da postura do professor. *Colabor@*, v. 2, n. 6, 2003.
- COLL, C; MONEREO, C. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. São Paulo: Artmed, 2010.
- CORRÊA, B.C. A Construção do Conhecimento nos Metaversos: educação no *Second Life*. 2009. Dissertação (Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação) – Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes.
- DE OLIVEIRA FELIZMINO, Thiago; BARBOSA, Rochele Bezerra. Idosos e dependência de internet: uma revisão bibliográfica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 7, n. 1, p. 139-146, 2018.
- DOS SANTOS, Rosimeire Martins Régis. *Redes Sociais No Processo De Ensino E Aprendizagem De Estudantes Universitários: Programa Rede*

De Saberes. Jornada Brasileira De Educação E Linguagem/Encontro Do Profeduc E Profletras/Jornada De Educação De Mato Grosso Do Sul, v. 1, n. 1, 2018.

FRAZ, Joeane Neves. Dificuldades encontradas pelo professor em sua prática docente. Acesso 04/07/2018

<http://posgraduacaouniecodf.blogspot.com/2013/06/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>

FROES, Aline; PIRES, Ana Maria de Britto. O Processo de Ensino-Aprendizagem na Sociedade em Rede: O Caso do Núcleo de PósGraduação em Administração da Universidade Federal da Bahia. In: XXXII Encontro da Anpad. Setembro. 2008.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

HILU, L; Possibilidades do uso Pedagógico das Redes Sociais; Artigo. Disponível em: <<http://educere.bruc.com.br>>. Acesso em ago. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. A Web no Mundo do Trabalho: Censura, Invasão de Privacidade e Relações de Poder na Rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV., 2012, Fortaleza. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação... [S.l.: s.n.], 2012. p. 1-15.

Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0380-1.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

MARIN, M.J.S et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem. Revista Brasileira de Educação Médica, 34 (1): 13–20; 2010.

MATTAR, J. Web 2.0 e redes sociais na educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013

OLIVEIRA, N. Conheça a História das Redes Sociais. 2011. Disponível em: <<https://www.natanaeloliveira.com.br/a-historia-das-redes-sociais>>. Acesso em ago. 2018.

REINERT, Mauricio; COUTINHO, Fernanda Gabriela de Andrade; FILIPIN, Marcelo; NATT, Elizangela Domingos M.; BARBOSA, Bruna Fernanda da Costa; MELO, Tiago. Rede social como ferramenta de ensino-aprendizagem em sala de aula. In: XXXIV Encontro da Anpad. Setembro. 2010.

SÁ, G. M. À frente do computador: a Internet enquanto produtora de dependência e isolamento Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, p. 133-147, 2012.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em ago. 2018.

SANTOS, C.P; SOARES, S.R. Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 22, n. 49, p.353-370, maio/ago. 2011.

Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

TELES, A. S. et al. Redes Sociais Móveis: conceitos, aplicações e aspectos de segurança e privacidade. Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos, 31, 2013, Brasília, Distrito Federal: SBC e LARC, 2013. p. 51-100. Acesso em ago. 2018.

TORRES, P.L; WAGNER, L.R. Redes Sociais e Educação: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://www.ead.pucrs.br/ebook-ricesu2012/>>. Acesso em ago. 2018.

VALENTE, C; MATTAR, J. *Second Lide e Web 2.0* na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec Ed., 2007.

VIANA, Luana; MARITAN, Matheus; SANTOS, Priscila. Um retrato do consumo de mídias por estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. *Temática*, v. 13, n. 7, 2017.

YOUNG, K.S; ABREU, C.N. Dependência de Internet: manual e guia de avaliação e tratamento, Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPÍTULO 5



PEDAGOGIA LÍQUIDA: EM BUSCA DO AMANHÃ

Francisco Antônio Pereira Fialho

Denise Maria Bezerra

Edegilson de Souza

Andreia de Bem Machado

INTRODUÇÃO

"El verdadero pintor es aquel que es capaz de pintar escenas extraordinarias en medio de un desierto vacío. El verdadero pintor es aquel que es capaz de pintar pacientemente una pera rodeado de los tumultos de la historia." (Salvador Dalí)

Não devemos educar “para o mundo”, devemos educar para “transformar o mundo”. Transformar a nós mesmos, enquanto projetos infinitos que somos. Educar não é produzir ou reproduzir estereótipos, é permitir o desabrochar das singularidades. Educar em Kant ou Piaget, não é um processo de fora para dentro, mas de dentro para fora. O professor abre janela e aponta, nomeando o que até então nos passava despercebido. O professor ensina, mas quem aprende é o aluno.

Parafraseando Ludwig Wittgenstein⁵: “*Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo*”. Segundo o filósofo, nada pode existir fora da linguagem. A linguagem é o espelho do mundo e só por meio dela, a linguagem, podemos compreender o mundo em que vivemos. Quando ensinamos ampliamos a linguagem dos nossos alunos. Ensinar é como acontece quando fazemos uma trilha no meio da floresta. Só enxergamos aquilo que tem um nome.

Qual é a linguagem que determina, forma ou deforma o homem pós-moderno? Esta é a linguagem que desejamos? Se não, como desconstruir esta narrativa? Que outras narrativas seriam mais adequadas?

No mundo líquido em que ora navegamos, ora submergimos, sistemas de aprendizagem se parecem, cada vez mais com ecossistemas: diversos, interdependentes, fluídos e dependentes de uma plataforma ou de uma infraestrutura de apoio, para poderem se desenvolver e crescer (GELP, 2014)⁶.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2008) entende a sociedade contemporânea como algo disforme, sem ilusões, desmontada e sensivelmente temporária. O homem pós-moderno, perseguido pela manipulação do hiperconsumo, renuncia a predicados autênticos para viver à mercê de adições.

⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editor Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

⁶ GELP. Recriando a educação: Transformando sistemas de educação / Módulo de Inovação do GELP; [tradução de Vera Cabral]. – São Paulo: Fundação Telefônica, 2014.

Na antiguidade o conceito de “Paideia” definia o sistema de formação do homem grego na Hélade. Ser grego era se reconhecer nas narrativas, nas histórias que eram contadas por historiadores como Homero. Para Platão as crianças que ouviam e se reconheciam nas histórias da Ilíada e da Odisseia desejavam ser Aquiles. O currículo da época, apesar de diverso (Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História e Filosofia), priorizava a Ginástica capaz de formar os heróis e a Retórica, produtora dos governantes. Como no mundo moderno em que, a despeito de grande diversidade de disciplinas, a ênfase se dá na Matemática e na Linguagem.

Bauman (2008) em seu livro “Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria”⁷ examina a sociedade contemporânea refletindo em como a busca desenfreada por prazer é estimulada: “Em uma sociedade de consumo, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é o material de que os sonhos e os contos de fadas são feitos” (BAUMAN, 2008).

A perspectiva de Bauman, portanto, no mundo pós-moderno, aponta para um novo cenário. Não formamos mais heróis ou governantes, como na Grécia, nem mesmo engenheiros, médicos e advogados, como no passado recente. Produzimos mercadorias desejáveis. Reduzimos o homem a isso, mercadorias.

⁷ BAUMAN, Zigmunt. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008

No atual cenário educacional emergem novas pedagogias envoltas em linguagens multifacetadas e atrativas, suportadas nas plataformas das novas mídias digitais, que ancoradas nas metodologias ativas de aprendizagem, demandam uma nova postura profissional do professor, fundamentada em novas competências docentes.

Na Modernidade Líquida, homens e mulheres buscam cada vez mais referências como exemplos e não lideranças.

Em Amor Líquido, Bauman (2004) refere-se ao "mercado do amor" e como esse sentimento foi comercializado na forma de mercadoria. O forte narcisismo penetra na fragilidade dos laços afetivos.

E esta é uma cultura consumista como a nossa, o que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer de passar, gratificação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, seguro e garante reembolso total. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falso, enganoso mais que implora para ser verdade) para construir a "experiência de amor" como outros bens, que fascina e seduz exibindo todas estas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem não há amor. Essas qualidades são exigidas em escalas enormes e contínuas, ao entrar em uma terra inexplorada e não mapeada. E é para esse território que o amor leva quando instalado entre dois ou mais seres humanos (BAUMAN, 2011).

Cada um deve criar a sua persona ideal. Qual a pessoa que eu sonho ser. Aí é só escrever o roteiro e contratar um bom diretor (professor) para dirigir o filme de nossas vidas. O mundo

sólido era o mundo dos egos imutáveis e inflexíveis, o mundo líquido exige que criemos muitos filmes em nossas vidas em um processo de aprendizagem continuada. Liberdade é o poder de criar e escrever estes roteiros. O perigo é quando este poder recai nas mãos dos outros como nas distopias nazistas ou as decorrentes das superestruturas de Gramsci.

O MUNDO LÍQUIDO E O CHOQUE DE GERAÇÕES

*Os livros sabem de cor
milhares de poemas.
Que memória! (Paulo Leminski)*

Kerchensteiner, já no século XIX, definia educação como: “Ato imanente e necessário de todas as sociedades humanas”. A pedagogia, para o filósofo, resultaria de um processo de reflexão sobre a educação, que é, sobretudo, histórico. A criança explica o homem, ensina Piaget. Assim como somos constelados, ao longo da vida, por diferentes arquétipos, o mesmo acontece para cada sociedade. A pedagogia do Herói, que serviu a construção do mundo em que vivemos, deve ceder lugar à pedagogia do Mago, capaz de promover a transição em direção ao mundo que sonhamos.

Os bisavós e avós de nossas crianças são os “Veteranos”, pessoas com mais de 75 anos, que se lembram ainda de uma guerra que roubou metade de suas vidas, e seus filhos, os Baby Boomers, pessoas entre 60 e 74 anos. A velha pedagogia é a que emerge da Jornada do Herói, arquétipo que iluminou estas

gerações. Pedagogia que vem desde a antiguidade. Se consolida com Comenius e chega até os dias de hoje.

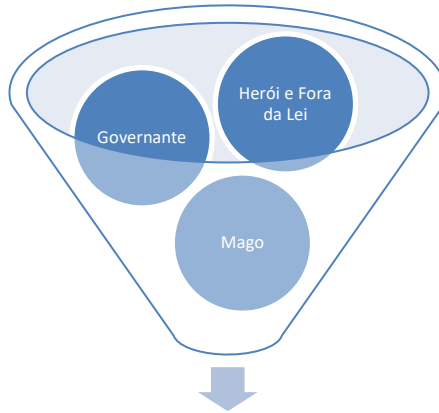
Os pais de nossos alunos universitários pertencem à Geração X, tendo entre 41 e 59 anos; enquanto os professores mais jovens são todos da Geração Y, entre 25 e 40 anos de idade ou menos. Os pais das nossas crianças já são, em sua maioria da Geração Y.

Veteranos e Boomers respiram o Arquétipo do Herói Guerreiro. Os Baby Boomers são os que viveram os movimentos estudantis, os Beatles, as ditaduras na América Latina e a luta contra os poderes dos tiranos, a Guerra do Vietnã, o movimento hippie, a Tropicália no Brasil e viram a chegada do homem à Lua em 1969. O Arquétipo do Herói cede lugar ao Fora da Lei.

Os Boomers vão provocar a ruptura para o mundo moderno, constelando o “fora da lei”, cavalgando as suas motos Harley Davidsson e participando dos embalos de sábado à noite. Geração Hippie. Faça amor não faça a guerra. O arquétipo do Fora da Lei marca a transição da era do Herói para os arquétipos que vão iluminar as gerações futuras.

As pedagogias do Fora da Lei incorporam o que chamamos de Escola Nova, Metodologias Ativas, Pedagogias Libertárias, que mudam o foco da educação do Professor que forma pessoas obedientes e úteis, para o aluno, nas suas diferentes singularidades. Aqui também se encaixam as Pedagogias Inclusivas não Diretivas.

Figura 1 – Evolução das Pedagogias em relação aos Arquétipos



Evolução Arquetípica

Os Pais, que pertencem à geração X, respiram o Arquétipo do Governante. A geração X não se sente à vontade com o avanço tecnológico e se incomoda por ter que pedir ajuda para outras gerações mais novas; não têm muita perspectiva de plano de carreira, já que com o passar da idade, as pessoas se especializam mais, o que afunila o seu crescimento profissional.

Os pais são os neuróticos obsessivos compulsivos que trabalham para chamar a atenção dos “head hunters” e sofrem a influência do arquétipo do Governante: O poder é tudo que importa.

Na escola dos filhos da geração X, os pais perguntam: Arte para que? O importante é “Retórica” (Linguagem) e “Lógica” (Matemática). Quem domina estas inteligências, domina o mundo, diria o “Cérebro” do excelente desenho animado “O Pink e o Cérebro”.

Os Professores mais jovens, por sua vez, são da Geração Y, a geração tecnológica.

O arquétipo do Herói que vigorou por mais de cinco mil anos cede espaço ao Fora da Lei que dura uma geração, daí vem o Governante e, rapidamente, de forma líquida, se passa para o arquétipo do Mago, a tecnologia atuando com a varinha mágica de Harry Potter. O Amante é superado pelo Explorador. Hoje não se troca um bom emprego com possibilidade de realização (Explorador) por um relacionamento (Amante).

A Geração Y, ao contrário do que muitos pensam, não se refere exatamente a uma legião de adolescentes, mas sim a uma “determinada” geração, nascida entre os anos 1980 e 2000. São os filhos da Geração X.

Trata-se de uma geração marcada por ter acesso ao conhecimento e à informação. Em um simples clique, sites abordando qualquer tipo de assunto podem ser encontrados. A função do professor e da escola deixa de ser “passar conteúdos”. Cabe aos professores serem muito mais mediadores do processo de aprendizado do que simplesmente transmissores de conhecimentos.

Celulares e tablets não podem ser excluídos. Devem entrar na sala de aula junto com os alunos. Cabe aos novos professores ensinar a estes “navegadores” em como encontrar o conhecimento que buscam.

Que arquétipos iluminarão a geração Z? O Mago, o Explorador? Ou o Bobo em sua eterna busca por significado? O

lúdico seria então a chave para a educação do futuro?
Gamificação?

As aulas de 50 minutos não se sustentam no mundo líquido. Zapeamos, vemos mil canais ao mesmo tempo que não vemos nenhum. A cada cinco minutos algo desvia a nossa atenção.

A geração Z trocou o cardiologista pelos psiquiatras e ginecologistas. Temos cada vez mais crianças com depressão e meninas menstruando com 8 anos. Eles não têm paciência para passar 15 minutos na frente dos cadernos, ou tablets. Porque não correr para o computador e imprimir o mapa via Google Earth para “ganhar tempo”?

Exige-se dos professores hoje criatividade, saber lidar com tecnologias, fazer com que as competências e habilidades de sua disciplina sejam passadas para os alunos de uma maneira contextualizada, fazendo ter valor e significativo para o mesmo. A pergunta que se faz após esse cenário todo que foi exposto é: até que ponto esse tipo de educação tem dado certo atualmente?

A principal crítica que Claudio Naranjo⁸ faz é a da escola, em geral, optar por uma educação massificada e não pessoal, eliminando as individualidades e características que cada pessoa, como ser único, possui. Já a principal motivação sua é combater esse sistema e transformar os educadores em profissionais mais amorosos, acolhedores e afetivos.

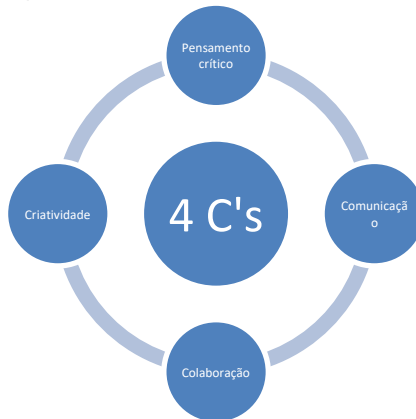
⁸ <<https://laparola.com.br/a-educacao-nao-pode-se-ocupar-so-do-intelecto-mas-deve-formar-pessoas-mais-solidarias>>

O objetivo é preparar os professores para que eles se aproximem dos alunos de forma mais afetiva e amorosa, para que sejam capazes de conduzir as crianças ao desenvolvimento do autoconhecimento, respeitando suas características pessoais. Comprovamos por meio de pesquisas que esse é o caminho para formar pessoas mais benévolas, solidárias e compassivas.

Quando Yuval Noah Harari (2018) fala de educação, se refere, a percepção clássica, com a qual não concordamos, de educar para o mundo. A questão seria a de saber que mundo será esse. Uma criança que nascesse hoje, provavelmente, estaria viva no século XXII. Como seria o mundo nessa época?

Em um mundo abarrotado de informação acessível, com Wikipédia, Ted Talks, Youtube, o papel da escola não seria mais o de alimentar de informações um cérebro já saturado. Segundo muitos especialistas em pedagogia (HARARI, 2018) as escolas deveriam passa a ensinar os 4 C's.

Figura 2 – Currículo das Escolas do Futuro



Fonte: adaptado de Harari (2018).

Marillusa Vasconcelos em “Desconte um Conto” desenvolve, em fábulas, o conto “As cinco sementes”. Fala de um riquíssimo comerciante que reconhece seu filho como o maior dos seus tesouros. Resolve, coerentemente, matriculá-lo na melhor escola do mundo. Esta escola, porém, tem uma exigência, que o pai fique uma semana na escola, junto com seu filho. Após tentar, sem sucesso, todo tipo de suborno, não vê outra saída e, ainda que indignado, se submete a regra. Cada dia é uma lição nova. Por exemplo, em certa situação, é colocado em um quarto de mármore, com milhares de velas. O instrutor pede, sem dar explicações, que ele acenda as velas.

- “Que absurdo. Eu, com milhões de negócios me aguardando, aqui feito um idiota, acendendo velas”. O instrutor nada diz. Após algumas horas, retorna.

- “O senhor disse hoje que amava o seu filho?”. –“Não. Então apague uma vela”. E ontem, o senhor disse ontem que amava o seu filho?”. “Não. Então apague outra vela!”.

Estas e outras lições preciosas evitariam muitos dos problemas que os professores devem enfrentar para desfazer o não feito.

Alguém perguntou a um índio de 101 anos⁹:

- O que você faz?
- Eu ensino meu povo.
- O que você ensina?

⁹ <http://robertocrema.com.br/lideranca-no-seculo-xxi-impactos-da-passagem-do-milenio/>

— Quatro coisas: primeiro, a escutar; segundo: que tudo está ligado com tudo; terceiro: que tudo está em transformação; quarto: que a terra não é nossa, nós é que somos da terra.

Hillman (1997), discípulo de Jung, propõe uma Psicologia da Beleza. A alma se apresenta como um terceiro lugar entre as perspectivas do corpo e da mente: “esse in ânima”. O ser humano é um ser da falta e, por isso, um ser desejante. Essa falta gera a ansiedade, que nos obriga a sair para mundo em busca desse ‘algo que falta’. Como Dom Quixote de La Mancha, somos todos cavaleiros andantes rumando sem destino em busca de falsos moinhos de vento. A curiosidade, em nós, é inata.

Dentro do Complexo Educacional de Castália (alusão ao livro de Hermann Hess, O Jogo das Contas de Vidro”) temos a “Escola para Pais dos Filhos de Gandhi”. O que se ensina nesta escola?

Primeiro que as palavras são fadas encantadas que nos convidam a voar como Peter Pan por mares desconhecidos. Elas se encontram na esfera do sagrado. Como construímos o ego no campo do discurso do outro, os pais de Tati precisam conversar com ela, antes, durante e depois do parto. O tempo todo. Palavras de saudade, de espera, de encontro, de confiança.

Segundo que desde cedo devemos estar atentos para a curiosidade de nossos filhos. A curiosidade é a porta que abre a estrada do conhecimento. Educar para que aquela promessa de ser humano diante de nós se cumpra.

Os beija-flores são grandes dançarinos, mas dizem que, entre os pássaros, só as andorinhas sabem brincar. Não acredito.

METODOLOGIAS ATIVAS

*Nenhum poder,
um pouco de saber,
um pouco de sabedoria,
e o máximo de sabor possível.*
(Roland Barthes)

As novas condições de vida no mundo pós-moderno levam homens e mulheres a procurar exemplos e não líderes. Afinal, eles ouvem diariamente que o que está errado em suas vidas vem de seus próprios erros, foi culpa deles mesmos e deve ser reparado por eles com suas próprias ferramentas e seus próprios esforços. (BAUMAN, 2011)

Temos três marcos para reflexão ao pensarmos em educação: O Processo (como ensinamos); O Conteúdo (o que ensinamos) e a Estrutura (como repartimos poder e tarefas). O conceito de flow permeia esses três marcos. Na modernidade líquida, o volume excessivo de informação favorece a tendência à superficialidade, mas o flow no processo e na estrutura garante um envolvimento profundo com o conteúdo. Os fatores de flow, tais como a concentração profunda, a perda do ego, a experiência autotélica, alteração da noção o tempo, são muito mais adequados ao modelo líquido.

A Pedagogia Líquida trabalha com Metodologias Ativas, não apenas uma, mas todas elas, juntas, deslizando umas por sobre as outras em um balé encantado. Como o rio Amazonas, que é formado pelo Solimões e o Negro, rios que não se reúnem

de forma fácil, usá-las em conjunto é mais do que técnica, é arte, pois cada metodologia tem a sua natureza específica.

O professor é o mago que tem em sua cartola dezenas de truques, sendo capaz de exibí-los de forma que seus alunos nunca se cansem. Professores apaixonados e alunos encantados.

O Quadro 1 apresenta um estudo realizado por Paiva et al. (2016), resultado de uma pesquisa de revisão integrativa da literatura. Pode-se observar uma diversidade de tipos de metodologias ativas que já se encontram consolidadas no contexto educacional brasileiro.

Quadro 1 – Tipos de Metodologias Ativas: Pedagogias consolidadas e emergentes

Metodologias Ativas	Tipos
Pedagogias Consolidadas	Aprendizagem baseada em problemas
	Pedagogia da Problematização
	Arco de Marguerez
	Estudo de Caso
	Grupos reflexivos e grupos interdisciplinares
	Grupos de tutoria e grupos de facilitação
	Exercícios em grupo
	Seminários
	Relato crítico de Experiência
	Mesas-redondas
	Socialização
	Plenárias
	Exposições dialogadas
	Debates temáticos
	Leitura comentada
Oficinas	

	Apresentação de filmes
	Interpretações musicais
	Dramatizações
	Dinâmicas lúdico-pedagógicas
	Portfólio
	Avaliação oral (autoavaliação do grupo, dos professores e do ciclo)
	Mapa conceitual
Pedagogias emergentes	
	Gamification (gamificação)
	Blended Learning (Aprendizagem híbrida online/presencial)
	Flipped Classroom (sala de aula invertida)
	Salas virtuais
	Self-direct learning
	Mobile learning
	Course Management Systems
	E Learning
	Tecnologia 1:1
	<i>Massive Online Open Courses</i> (MOOCs) (Recursos Educacionais Abertos)
	<i>Digital citizen ship</i>

Fonte: Produzida por Edeilson de Souza e Francisco Fialho, adaptada de Paiva et al. (2016, p. 150)¹⁰.

As pedagogias emergentes, que estão sendo paulatinamente incorporadas ao contexto educacional, são metodologias ativas inovadoras suportadas pelas mídias digitais, que juntamente com novos ambientes de aprendizagem

¹⁰ Competências docentes ao uso das metodologias ativas com suporte das mídias digitais. CIKI 2018

assumem papel importante no processo de ensino-aprendizagem (Santos, 2014).

Fala-se muito em educação massiva (MOOC) e Recursos Educacionais Abertos (REA). As plataformas digitais hospedam aulas prontas, livros digitais, conhecimento ilimitado e professores que não sabem usar estes recursos.

O perfil do professor nessa pedagogia líquida é daquele que aceita as informações trazidas pelos alunos que o atualizam no uso dos recursos tecnológicos. A formação do professor deve incluir o domínio das metodologias ativas em confluência com o desenvolvimento de habilidades metacognitivas no aluno.

Maturana nos traz duas contribuições importantes. Em primeiro lugar, rejeita a concepção de inteligência como atributo individual independente. Inteligência não é uma capacidade individual, mas relacional. Nossa ação, na malha das relações sociais, revela nosso comportamento inteligente. O comportamento inteligente é contextual, manifesta-se no contexto. O comportamento inteligente manifesta-se na relação com o outro – “domínio consensual” – e com o meio ambiente – “adaptação ontogênica”. Realiza-se, portanto, através da flexibilidade e da consensualidade:¹¹

Manguel, citado por Paulo Freire¹², já dizia que somos letras nas páginas de um grande livro e que, ao nos

¹¹ CUNHA FILHO, José Leão: A certeza da incerteza educa.

<http://pedagogiavida.blogspot.com/2010/01/certeza-da-incerteza-educa.html>, acessado em 03/03/2019

¹² FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

modificarmos, modificamos esse livro. Maturana fala do caminhante sobre a praia. Ao fim do caminho nem a praia e nem o caminhante são mais os mesmos.

Na teoria da autopoiesis o importante não é a representação, mas a ação. Piaget já dizia que sua teoria era uma *gestaltkreis*. Não apenas um “todo” (uma Gestalt), mas um “todo” sobre o qual se opera para obter um resultado. Conhecer é criar. Conhecer é um processo e não uma “coisa”.

O universo é uma rede hipertextual de significados quântica e complexa. Somos uma rede dentro desta rede, constantemente nos modificando e, por conseguinte, modificando as redes: “os todos” dos quais somos parte.

Conhecer não é individual, mas coletivo. Estamos em contínua interação com os outros fora de nós e os outros dentro de nós.

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
(Fernando Pessoa)*

O CONTEÚDO (O QUE ENSINAMOS)

*Antes de uma criança
Começar a falar, ela canta
Antes de escrever, ela desenha
No momento que consegue ficar de pé, ela dança
Arte é fundamental para a expressão humana
(Phylicia Rashad, atriz americana)*

Os defensores da visão conexcionista insistem que não basta operar sobre símbolos para construir novos símbolos, mas que é preciso imitar a arquitetura do cérebro humano. O cérebro é, sem dúvida, digital, mas não apenas digital. Somos máquinas analógicas capazes de operar sobre o mistério e, dele, extrair heurísticas e algoritmos.

As teorias estéticas de Immanuel Kant (1724-1804), grande admirador da obra de Rousseau, aprofundaram a reflexão sobre o tema “gênio”. Publicou em 1790 a terceira das três Críticas, a *Crítica da Faculdade do Juízo*, na qual aborda a questão do belo, da arte, do gênio. Suas ideias fundamentam um pensamento que não só corrobora as ideias estéticas iluministas, como perdura até os dias de hoje no mundo ocidental. Para Kant, “a arte bela é possível somente como produto do gênio” (KANT, 2002, p. 153), gênio este que apresenta as seguintes características: um talento para produzir algo que não possui regras pré-determinadas e pressupõe a originalidade; seus produtos são modelos, exemplares e não imitação; ele próprio não pode descrever como realiza sua produção, mas ela como natureza fornece a regra; que a natureza através do gênio prescreve a regra não à ciência, mas à arte, que deve ser bela. O filósofo comenta que a palavra *gênio* deve ser, portanto, derivada de *genius*: “o espírito peculiar, protetor e guia, dado conjuntamente a um homem por ocasião do nascimento, e de cuja inspiração aquelas ideias originais precedem” (idem, p. 154).

Kant diz que o gênio se opõe ao espírito de imitação, e que aprender também é imitar, sendo que “a máxima aptidão ou docilidade (capacidade) enquanto tal não pode absolutamente ser considerada *gênio*” (idem).

Para Schopenhauer (1788-1860), que parte de alguns pressupostos da filosofia kantiana,

o gênio, tal como o apresentamos, consiste na aptidão para se libertar do princípio da razão, fazer abstração das coisas particulares, que existem apenas em virtude das relações, reconhecer as ideias e, enfim, colocar-se diante delas como seu correlativo, já não a título de indivíduo, mas a título de puro sujeito que conhece (SCHOPENHAUER, 2001, p. 204).

Existe o que chamamos de Educação Estética, aquela que não se suporta em nenhuma racionalidade, mas que deriva de vivências, experiências em primeira pessoa.

Cada criança é um gênio em especial. O que devemos ensinar para desenvolver este potencial inerente a todo o ser humano. Visitando as Redes Sociais e com base na experiência própria, colecionamos algumas propostas que merecem a nossa reflexão.

Figura 3 – Saberes e Sabores



Comentar e expandir esta figura daria, com certeza, um livro enorme e incompleto. Deixamos a figura como uma provocação.

Fröbel¹³ contribuiu para a Pedagogia moderna ao propor que o ser humano é essencialmente dinâmico e produtivo, e não meramente receptivo. O homem é uma força autogeradora e não uma esponja que absorve conhecimento do exterior.

Outra contribuição de Fröbel foi o de não esquecer as diferentes etapas que marcam a evolução do homem, especialmente a infância. Sua doutrina pedagógica, em síntese,

¹³ Friedrich Wilhelm August Fröbel nasceu em 1782 e morreu em 1852. Foi o pedagogo alemão que criou o jardim de infância.

consiste basicamente na atividade e na liberdade; o homem deve aprender a trabalhar e a produzir manifestando sua atividade em obras exteriores.

- “Por meio da educação, a criança vai se reconhecer como membro vivo do todo”. – “Minha infância foi solitária, órfão de mãe aos nove meses. Aprendi matemática e linguagem enquanto explorava as florestas perto de onde morava”.

- “O ponto de partida do ensino seriam os sentidos e o contato que eles criam com o mundo. Portanto, a educação teria como fundamento a percepção, da maneira como ela ocorre naturalmente nos pequenos”¹⁴.

CONCLUSÃO

*É estupidez pedir aos deuses aquilo que se pode conseguir sozinho.
(Epicuro)*

Aprender é sair da Zona de Conforto e penetrar a Zona do Medo, aquela onde reside a crença de que não podemos fazer, de que devemos evitar ser influenciados pela opinião alheia. Mudar, de fato, é como morrer. Aprendizagem é um processo de Vida Morte Vida.

Quando saímos da Zona do Medo penetramos a Zona de Aprendizagem, onde desenvolvemos novas habilidades e lidamos com desafios e problemas. Vygotsky fala da Zona de Desenvolvimento Proximal. Nesse ponto ocorre a expansão

¹⁴ <https://novaescola.org.br/conteudo/96/friedrich-froebel-o-formador-das-criancas-pequenas>, acessado em 02/03/2019

como um processo de fluxo contínuo, um estimulante horizonte de acesso ao conhecimento do conteúdo e de si mesmo. Nossa Zona de Conforto se amplia. Piaget fala de Equilibração Majorante. Saímos de um estado de equilíbrio para outro. Não podemos parar, não podemos nos acomodar. Nossos desejos, sonhos, metas, conquistas e objetivos, quando atingidos, devem ser substituídos por outros.

Riane Eisler¹⁵ propõe que na educação do futuro devemos aprender a Questionar contribuindo, a Pensar de forma Sistêmica, a Trabalhar em Equipe, a Cooperar com empatia, reconhecendo nossos direitos e os dos outros. Temos um papel ativo nas mudanças

Afinal: Tudo está ligado com tudo! Tudo está em transformação! Tudo está em mudança! Onde se pisa é ponte! Só há mutação! Não há o que passa e nem há aquilo que faz passar! Só há passagem!

Rubem Alves fala que os professores do futuro devem exercer uma função crítica: Os dogmas têm que ser transformados em dúvidas, as respostas em questionamento, os pontos de chegada em pontos de partida. Segundo Rubens Alves, o educador é um criador de utopias concretas, um indicador de horizontes utópicos, de novas formulações, novas sínteses

¹⁵ Tomorrow's Children: A Blueprint for Partnership Education in the 21st Century. Westview Press, 2000.

A educação deve superar a ideia de que os alunos são todos iguais... Nesta burocratização do ensino, a avaliação é padronizada e fechada... (PERRENOUD, 1999)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Jorga Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós modernidade: Jorge Zahar ed. 1998
- BAUMAN, Zygmunt. La Cultura em el mundo de la modernidade líquida. Ed. Polity Press trad. Lydia Bauman. 2011.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.
- GELP. Recriando a educação: Transformando sistemas de educação / Módulo de Inovação do GELP; [tradução de Vera Cabral]. – São Paulo: Fundação Telefônica, 2014.
- HARARI, Yuval Noah. 21 Lições para o Século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- HILMANN, James. The Soul's Code: On Character and Calling. United States of America: Warner books, 1997
- KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade do juízo. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MATURANA, Humberto. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- PAIVA, K. C. M. et al. (2014). Competências docentes ideais e reais em educação a distância no curso de administração: um estudo em uma instituição brasileira. *Tourism & Management Studies*, 10, 121-

128. Disponível em
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/tms/v10nEspecial/v10a15.pdf>
Acesso em 03 mar. 2019.

PAIVA, M. R. F. et. al. (2016). Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. *SANARE*, 15, 145-153. Disponível em <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049/595>
Acesso 03 mar. 2019.

PERRENOUD, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed. 101p.

ROCHA, H. M., & LEMOS, W. M. (2014). Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em Andamento. *IX SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação*. Disponível em <https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/05/41321569.pdf>
Acesso 03 mar. 2019.

SANTOS, N. (2014). As tendências tecnológicas na educação. Disponível em <https://docplayer.com.br/1072556-As-tendencias-tecnologicas-na-educacao.html> acesso 03 mar. 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur (2001). *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.

WITTGENSTEIN, Ludwig (1921). *Tractatus Logico-Philosophicus* Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editor Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

CONHEÇA OS AUTORES



ALEXANDRA VALONE



Graduada curso de Pedagogia – Multivix. Pós graduada no curso de Didática do Ensino Superior e Gestão – Multivix. Técnica em segurança no trabalho – CESAT.

Contato com a autora: alexandravalone1@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2164926296937848>

ANDREIA DE BEM MACHADO

Doutora no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPEGC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) na UFSC. Especialista em Alfabetização na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como professora formadora, palestrante, docente no ensino superior, professora orientadora e avaliadora de artigos científicos. Autora de livro e artigos científicos.



Contato com a autora: andreiadebem@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7989672693830959>

ARCELONI NEUSA VOLPATO 

Graduada em Letras: Línguas Portuguesa e Inglesa e respectivas literaturas. Obteve o título de Mestre (2001) e de Doutora (2004) em Linguística pela UFSC, ambos sob orientação de Leonor Scliar Cabral. Estudou na Universidade de Lisboa, em Bolsa Sanduiche, de 1995 a 1997. Fez palestras no Brasil e no exterior assim como desenvolveu atividades culturais e voluntárias. Possui publicações no Brasil e no exterior. Recebeu algumas menções honrosas, dentre elas o Personalidade Vargem dos Pinheiros 2014 e o Bela Mulher Catarina 2016. É avaliadora institucional e de cursos, presencial e ead do MEC/INEP/BASIS e do Conselho Estadual de Educação de SC. É professora e pesquisadora do Mestrado em Práticas Transculturais da Unifacvest. Membro da comissão editorial da Revista Synthesis. Revisora da Revista Fatecie. Consultora ad hoc da FAPese – Fundação de Pesquisa de Pernambuco.



Contato com a autora: arceloni@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7188995255911576>

DENISE MARIA BEZERRA



Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPEGC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Práticas Interpretativas - Piano (PPGMUS) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC).

Especialista em Educação Musical pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Especialista em Psicopedagogia Clínica pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Especialista em Psicologia Transpessoal pela ALUBRAT/ICPG. Graduada em Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UDESC). Investiga os processos de aprendizagem em busca da performance excelente (peak-performance) no piano e em outras formas de aprender. Como pianista, interessa-se pelo repertório de música barroca para teclados, bem como o romantismo alemão.

Contato com a autora: denisebezerra9@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3923304932231949>

DENISE SIMÕES DUPONT BERNINI



Doutora em Engenharia de Produção, Mestrado em Engenharia de Produção, Especialista em Psicopedagogia, Informática na Educação e Planejamento, Implementação e Gestão da EAD, graduação em Ciências, Matemática e Pedagogia. Professora Universitária. Avaliadora

BASIS-INEP, Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa Multivix-Vitória, membro da Câmara De Assessoramento na Área de Engenharia da FAPES.

Contato com a autora: denise.sdb@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0289245860222291>

EDEGILSON DE SOUZA



Possui graduação em História pela Universidade do Vale do Itajaí (1991) e graduação em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí (1997), especialização Interdisciplinaridade na Formação de Professores e Especialistas da Educação pela Faculdade Internacional de Curitiba, FACINTER (2002), especialização em Prática Docente e Metodologias Ativas. Faculdade pela Aupex (2016), e mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade do Vale do Itajaí (2006). É professor titular da Prefeitura Municipal de Itajaí, na disciplina de História. Atuou como professor no ensino superior em cursos de graduação e pós-graduação lato sensu. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) pela UFSC.

Contato com o autor: edegilson10@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9765461523320373>

FRANCISCO ANTONIO PEREIRA FIALHO

Possui graduação em Engenharia Eletrônica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1973) e em Psicologia pela UFSC (1999), Mestrado em Engenharia de Produção, Ergonomia (1992) e Doutorado em Engenharia de Produção, Engenharia do



Conhecimento, pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994). Professor Titular da Universidade Federal de Santa

Catarina, Programa *Strictu Senso* em Gestão do Conhecimento. Membro do NEDEC e do NUCOG. Tem experiência na área de Engenharia e Gestão do Conhecimento, atuando principalmente nos seguintes temas: engenharia do conhecimento, mídias do conhecimento, eco-ergonomia, gestão do conhecimento e ergonomia cognitiva. Publicações no Brasil e no exterior.

Contato com o autor: fapfialho@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1602495591542111>

INÊS STAUB ARAUDI



Possui graduação em Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas (1993), Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2004) e Doutorado em Teoria

Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Atualmente é professora do Centro Universitário FACVEST e função gratificada da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: semiótica, linguagem aprendizagem, sentido - condições de produção - discurso, pós modernidade, ser humano e identidade.

Contato com a autora: staubaraldi@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5648636175044168>

JOUBERT DA SILVEIRA RIBEIRO



Graduado em Licenciatura Plena em Química pelo Centro Universitário de Caratinga - UNEC, pós graduado em Gestão Educacional e Pós Graduado em Docência do Ensino Superior e Gestão pela Multivix - Vitória - ES.

Contato com o autor: joubert.silveira@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8809787149142165>

LAYSA ZAMPIROLI LIDUINO

Graduada em Administração pelo Centro Universitário São Camilo - ES, Pós graduada em Docência no Ensino Superior e Gestão pela Multivix - Vitória - ES, Coach e *Practitioner* em PNL pela Ebra



Coaching, ES e Hipnotista pela OHipnotista - Belo Horizonte, MG.

Contato com a autora: lzampiroli1@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0499389778560344>

LETÍCIA TONIETE IZEPPE BISCONSIM



Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2012). Sua pesquisa está voltada para questões de educação, ensino e letramento. É professora no Centro Universitário Ingá UNINGÁ e na Rede Estadual de Ensino no Paraná, em Maringá. É membro do LETEC, possui publicações no Brasil e no Mercosul.

Contato com a autora: xleticiax@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8847913554382487>

ROSANGELA MARTINS CARRARA

Mestre em educação - UFRGS. Especialista em Planejamento, implementação e gestão de EaD-UFF. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Psicopedagogia clínica e institucional. Licenciada em Pedagogia e em



Educação Artística. Pesquisadora educacional - grupo de pesquisa FORPRATEC: Formação e Prática de Professores e as Tecnologias da Informação e da Comunicação pela UFPEL/RS. Atuou como docente ensino superior nas Instituições Feevale, Univali, Famper, Uniandrade. Coordenadora do Instituto de Educação - FAMPER/PR. Especialista - Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASIS)-INEP/MEC/BRASILIA. Várias publicações de artigos e livros. Contato com a autora: rotsaba@gmail.com
<<http://lattes.cnpq.br/6756318081035311>>

WELINGTON JUNIOR JORGE



Mestre em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Pedagogo. Professor conteudista para cursos de Graduação e Pós-graduação nas disciplinas: Ciências Sociais, Fundamentos Sócio-antropológicos da Educação, Introdução à Educação a Distância, Tecnologia e Sociedade, Educação de Jovens e Adultos, Antropologia Social e Docência do Ensino Superior. Experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia. Comitê de Ética em

Pesquisa envolvendo seres humanos (2018). Palestrante. Editor da Revista Acadêmica Uniedsul. Assessoria e Analista educacional para cursos presenciais e EAD.

Contato com o autor: professormanzato@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4561467918248070>

SIMONE REGINA DIAS 



Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, Bacharel em Administração e no Curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, com Mestrado (2000) e Doutorado em Literatura – Teoria Literária (2005) pela UFSC. No campo empresarial, é gerente de projetos na empresa Contexto Digital, localizada em Florianópolis. Atua como docente no Programa de Mestrado em Práticas Transculturais (UNIFACVEST) e na Graduação e Pós-graduação na Univali. Atua como Apoio pedagógico da educação a distância da UNIVALI. Pesquisa nos eixos de tecnologia Comunicação e Informação e também em Gestão de pessoas. É avaliadora do INEP/MEC desde 2007. Faz parte do Grupo de Pesquisa Linguagem, Educação e Tecnologia – LETEC. No Mestrado da Facvest, atua na linha de pesquisa Linguagens, micronarrativas e tecnologias.

Contato com a autora: simone@contextodigital.com.br

<<http://lattes.cnpq.br/7105419497301041>>